



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia



JANAINA OLIVEIRA ALVES SOUSA

O CIRCO SOCIAL BRASILEIRO: AS EXPERIÊNCIAS DE UBERLÂNDIA/MG

UBERLÂNDIA
2018

JANAINA OLIVEIRA ALVES SOUSA

O CIRCO SOCIAL BRASILEIRO: AS EXPERIÊNCIAS DE UBERLÂNDIA/MG

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Educação
Física, na disciplina de TCC2 como
parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de graduação sob
orientação da Profª. Dra. Rita de Cassia
Fernandes Miranda.

UBERLÂNDIA
2018

O CIRCO SOCIAL BRASILEIRO: AS EXPERIÊNCIAS DE UBERLÂNDIA/MG

THE BRAZILIAN SOCIAL CIRCUS: THE EXPERIENCES OF UBERLÂNDIA/MG

EL CIRCO SOCIAL BRASILEÑO: LAS EXPERIENCIAS DE UBERLÂNDIA/MG

Janaina Oliveira Alves Sousa

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia Fernandes Miranda

Resumo: No presente trabalho investigamos as influências do Circo Social, fenômeno em plena expansão na realidade brasileira, para a formação humana, bem como nas relações familiares de participantes de dois projetos sociais da cidade de Uberlândia/MG. Ainda como objetivos específicos, buscamos mapear as expectativas dos pais/responsáveis, além de identificar se na visão dos/as docentes houve mudanças comportamentais nos/as alunos/as dos projetos pesquisados. Para isso, utilizamos questionários com os pais/responsáveis e entrevistas com os/as professores/as. Os achados da pesquisa sugerem que para os participantes da pesquisa o Circo Social tem contribuído para o desenvolvimento de valores humanos, fortalecimento de vínculos afetivos e mediação de conflitos.

Palavras-chave: Circo; Circo Social; Educação Física; Educação.

Abstract: In the present work we investigate the influence of Circo Social, a phenomenon that is expanding in the Brazilian reality, for the human formation, as well as in the family relations of participants of two social projects of the city of Uberlândia / MG. Also, as specific objectives, we sought to map the expectations of the parents / guardians, as well as to identify whether in the teachers' view there were behavioral changes in the students of the projects surveyed. For this, we use questionnaires with the parents / guardians and interviews with the teachers. The findings of the research suggest that for the participants of the research the Social Circus has contributed to the development of human values, strengthening of affective bonds and mediation of conflicts.

Keywords: Circus; Social Circus; Physical Education; Education.

Resumen: En este trabajo investigamos las influencias del Circo Social, fenómeno en plena expansión en la realidad brasileña, para la formación humana, así como en las relaciones familiares de participantes de dos proyectos sociales de la ciudad Uberlândia/MG. Todavía cómo objetivos específicos, buscamos mapear las expectativas de los padres/responsables, además de identificar si desde el punto de vista de los/las docentes hubo cambios en el comportamiento en los/las alumnos/as de los proyectos investigados. Para esto, utilizamos cuestionarios con los padres/responsables y entrevistas con los/las profesores/as. Los resultados de la investigación sugieren que para los participantes de la misma el Circo Social ha contribuido para el desarrollo de valores humanos, fortalecimiento de vínculos afectivos y mediación de conflictos.

Palabras clave: Circo; Circo Social; Educación Física; Educación.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o circo representa um objeto de pesquisa que estabelece relações educacionais com a educação básica, as escolas profissionalizantes de circo, o ensino superior e a sociedade civil por meio de projetos sociais, implicando a necessidade de aprofundar a compreensão deste fenômeno multifacetado (SILVA, 2011). Como sugere Rocha (2010), é possível que esteja em marcha a estruturação de um novo campo discursivo que requer olhares mais atentos especialmente se considerarmos o estatuto do circo no Brasil.

Nesse cenário, surgiu a proposta denominada “Circo Social” que se estruturou na realidade brasileira de forma pioneira a partir da década de 1990. Cabe salientar a criação de um projeto chamado “Se Essa Rua Fosse Minha”, na cidade do Rio de Janeiro, e em 1995 a implantação do programa “Circo do Mundo”. Esta configuração veio a se consolidar nos anos 2000, com a criação da “Rede Circo do Mundo Brasil” com o propósito de destacar o potencial dos jovens quanto aos seus papéis na sociedade (SILVEIRA, 2003).

De acordo com Barría (2006), o Circo Social engloba a utilização da linguagem circense como prática pedagógica para promoção do desenvolvimento humano por meio da aproximação aos fundamentos filosófico-pedagógicos da Educação Popular. Esta abordagem político-pedagógica, de natureza emancipatória, procura valorizar os saberes prévios dos sujeitos e suas realidades, visando à construção de um projeto político de sociedade mais justo e democrático. Formulada e desenvolvida na América Latina, a Educação Popular tem como um dos seus principais representantes, o educador brasileiro Paulo Freire (GADOTTI, 2007).

A expansão do Circo Social pode ser constatada por meio da leitura de um catálogo elaborado pela Fundação do Patrimônio Histórico de Pernambuco (FUNDARPE, s/d), no qual constam 18 projetos de Circo Social espalhados pelo país. O referido documento explana sobre os objetivos de cada projeto, procedimentos metodológicos utilizados, as parcerias envolvidas além das principais conquistas obtidas e desafios enfrentados em cada uma das ações citadas.

Na mesma direção, as obras de Constâncio (2011) e Pontes (2016) analisaram as experiências da Escola Pernambucana de Circo (EPC), em Recife, dando destaque aos seus propósitos artísticos, educativos e sociais procurando avaliar suas práticas

pedagógicas e contribuições para a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e a construção da cidadania de seus participantes.

Somme e Camargo (2016) citam a “Instituição de Incentivo à Criança e Adolescente” (ICA), localizada na cidade de Mogi Mirim/SP. Com 21 anos de atuação, esta Instituição atende crianças, adolescentes e jovens de 2 a 24 anos, bem como a comunidade em geral, privilegiando a arte circense como uma linguagem viva e dinâmica que contribui para uma formação cidadã, ao consolidar “a arte-educação como uma potente ferramenta de transformação social e desenvolvimento de competências humanas, sociais, artísticas e educacionais”¹

Na região Centro Oeste encontramos outro importante projeto denominado “Circo Laheto”. Com mais de 20 anos de atuação esta Instituição situada em Goiânia/GO está vinculada à Rede Circo do Mundo Brasil. Tem como objetivo desenvolver propostas para a inclusão sociocultural de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Assim, “o Circo Laheto vem formulando e executando projetos e atividades coletivas fundamentadas em princípios éticos, estéticos e políticos que buscam conscientizar as crianças acerca dos cuidados de si, do outro, e os cuidados com a vida. ” (PORTFÓLIO, s/d)²

Fica-nos claro que o Circo Social é uma metodologia plena de potencialidades educativas, sociais, culturais e estéticas, sendo muito pertinente como mediador sociocultural e um dos mais relevantes objetos de intervenção utilizados nas comunidades brasileiras (PERIM, 2010). O mesmo autor analisa ainda que o Circo Social não deve ser visto unicamente como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento humano e construção da cidadania. Para além disso, essa vertente precisa ser considerada em suas potencialidades para criar metodologias educacionais e afirma que desconhecer essas possibilidades é limitar a capacidade de exploração dessa arte para o enfrentamento das contradições e dos problemas sociais (PERIM, 2010).

Diante desta perspectiva, acreditamos na possibilidade de transformação social e de mudanças comportamentais que o Circo Social fomenta. Entretanto, sabemos também que o comportamento como processo não pode ser entendido isolado do contexto em que ocorre. Assim, definir comportamento de acordo com Skinner (2003) é

¹ Para maiores esclarecimentos ver <https://www.projetoica.org.br/sobre-nos.php>. Acesso em: 15 de Jan. 2019.

² Para maiores informações acessar <http://circolaheto.org/portfolio/>. Acesso em: 15 de Jan. 2019.

uma tarefa dotada de complexidade, pois este é sempre mutável e fluído. Nesta pesquisa, entendemos o comportamento com base em Lopes (2008) na condição de

[...] relação organismo-ambiente, que pode ser entendida do ponto de vista de sua dinâmica como uma coordenação sensório-motora, e do ponto de vista da Análise do Comportamento como uma relação de interdependência entre eventos ambientais, eventos comportamentais, estados comportamentais e processos comportamentais. (LOPES, 2008, p.11)

Dal Gallo (2010) aponta ainda que a arte circense é um instrumento pedagógico utilizado para o desenvolvimento humano e formação para a cidadania crítica, empregado principalmente em locais de vulnerabilidade social em busca da transformação social. Corroboramos a ideia do autor entendendo o Circo Social também como *práxis*³ pedagógica que traz em seu bojo a diversidade artística ao dialogar com as múltiplas linguagens de seu tempo, utilizada para o desenvolvimento das competências sociais necessárias ao exercício coletivo da cidadania crítica e participativa.

Partindo deste referencial, defrontamo-nos em Uberlândia/MG, com a existência de dois projetos de Circo Social aqui intitulados “Projeto Garcia”⁴ e “Projeto Carequinha”⁵. Tais projetos foram identificados por meio da experiência pessoal da autora, sendo escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa devido ao tempo de atuação na cidade e sua relevância artística e social para o cenário regional. Surgiu daí a vontade de pesquisarmos o contexto da prática de tais ações educativas, tendo como objetivo analisar as influências do Circo Social para a formação humana, bem como nas relações familiares de participantes de dois projetos sociais da cidade de

³ O conceito de *práxis* é de tradição marxista que com base em Vázquez (1977) pode ser compreendido como atividade social transformadora por meio da qual o homem cria e transforma seu mundo e a si mesmo. Tal termo unifica a teoria e a prática, o sujeito e o objeto. Constituída como “a categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação” (VÁZQUEZ, 1977, p. 5).

⁴ Nome fictício dado à Instituição pesquisada no intuito de homenagear o Circo Garcia que foi o circo brasileiro com maior longevidade, ou seja, de 1928 a 2002. Ressaltamos que, atualmente, encontra-se aberta ao público uma exposição no Centro de Memória do Circo em São Paulo S/P que retrata a história do mesmo. Maiores esclarecimentos em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/memoria_do_circo/. Acesso em: 15 de Jan. 2019.

⁵ Nome fictício dado à Instituição pesquisada no intuito de homenagear o Palhaço Carequinha, primeiro palhaço a apresentar um programa de televisão de 1951 a 1954, que inovou o conceito de palhaço de circo, participando de vários filmes e programas. Este palhaço faleceu em Abril de 2006. Recomendamos a leitura da obra de Bolognesi (2009) intitulada *Circos e Palhaços brasileiros*.

Uberlândia/MG. Ainda como objetivos específicos, buscamos mapear as expectativas dos pais/responsáveis, além de identificar se na visão dos/as docentes houve mudanças comportamentais nos/as alunos/as dos projetos pesquisados.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa descritiva a qual atribui maior relevância ao desenvolvimento dos fatos do que dos resultados, buscando dar centralidade a visão e compreensão dos participantes em seus contextos (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Caracterizada nos parâmetros dos estudos de casos múltiplos (GODOY, 1995) que se constituem na sistematização vasta, resguardando os fatos e sua integridade com uma necessidade de assimilar os acontecimentos sociais pertinentes, servindo-se de estratégias como coleta, organização e análise dos achados da pesquisa (YIN, 2001).

As pesquisas qualitativas vêm sendo amplamente desenvolvidas na área da educação, como também o estudo de caso. Gomes (2008, p.1) expõe que “O estudo de caso tem sido escolhido, de forma recorrente, como alternativa para pesquisas sobre o fenômeno educativo”. Ainda nessa perspectiva, Yin (2005) afirma que esse método possibilita a investigação de vários fenômenos, sendo eles individuais ou coletivos, sociais ou políticos, como também as interações que ocorrem, enfatizando sua viabilidade quando a pesquisa requisita a descrição ampla e profunda de algum fenômeno social.

Ventura (2007) reforça as possibilidades do estudo de caso, em especial, quanto a flexibilidade do planejamento da pesquisa e ampla aplicabilidade dos procedimentos. Visto a pertinência dessa modalidade de pesquisa para nosso estudo, ressaltamos que o mesmo foi realizado em dois locais distintos na cidade Uberlândia M/G: o projeto Garcia desenvolvido na zona Oeste e o projeto Carequinha, localizado na zona Norte. As características pormenorizadas dos projetos serão apresentadas mais adiante no trabalho.

O estudo teve como participantes seis professores/as atuantes há mais de um ano nos projetos, sendo quatro do projeto Garcia e dois do projeto Carequinha, além de 26⁶ pais/responsáveis de alunos/as dos projetos que foram definidos no curso da pesquisa.

⁶ Foram entregues 30 questionários, porém só obtivemos 26 devoluções dos mesmos.

Optamos pela escolha desses dois projetos devido à relevância e visibilidade alcançada na cidade, tempo de atuação maior que três anos, facilidade de acesso e aceite destas Instituições para a participação na pesquisa. Para os participantes foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1) que contém todas as informações sobre a pesquisa para que os participantes tivessem esclarecimentos dos objetivos e encaminhamentos metodológicos⁷.

O tamanho da amostra intencional dos docentes corresponde ao número de participantes que se enquadram nos critérios de inclusão estabelecidos com atuação no projeto há mais de um ano. Quanto ao número de pais, o fechamento amostral se deu por saturação teórica que segundo Fontanella et al (2011) e Minayo (2017) pode ser definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os achados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição. Assim, “há saturação teórica quando a interação entre campo de pesquisa e o investigador não mais fornece elementos para balizar ou aprofundar a teorização” (FONTANELLA et al, 2011, p.390). Entendemos que com este número de participantes possivelmente teríamos condições de alcançar a saturação dos achados da pesquisa.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados questionários com perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos pais/responsáveis dos/as alunos/as dos projetos (Anexo 2). Além deste, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os/as professores/as dos projetos (Anexo 3) em um momento previamente combinado que não interferiu no desenvolvimento das aulas, as quais foram gravadas para posterior transcrição. Salientamos que as entrevistas foram encaminhadas para os/as professores/as através de e-mail para validação e caso quisessem poderiam modificar ou acrescentar informações ou questões adicionais ao texto da entrevista.

De acordo com Duarte (2004), a entrevista é capaz de expor os princípios e hábitos que compõe um determinado grupo social e quando bem-sucedida propicia uma compreensão pertinente do pesquisador referente ao objeto pesquisado. Triviños (1987, p.152) comenta que “A entrevista semiestruturada mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo [...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”.

⁷ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e aprovado sob Parecer n. 2.706.898.

Ressaltamos também que foi realizado o pré-teste dos instrumentos (questionário e entrevistas), onde dois participantes entraram em contato com as questões das entrevistas, e dois com os questionários, buscando perceber se as questões e temas foram compreendidos pelos participantes, bem como identificando possíveis incoerências. Estes participantes que fizeram parte do grupo de pré-teste não foram incluídos no grupo final. A fim de aumentar a validade do estudo, a apreciação destes instrumentos foi realizada por três professores/as doutores/as especialistas nesta temática. Para Alexandre e Coluci (2009), a validação envolve aspectos quantitativos e qualitativos, sendo relevante no processo da pesquisa, pois após desenvolver os instrumentos, o pesquisador submete a um grupo de juízes considerados especialistas na área, já que a validação de conteúdo é baseada no julgamento da clareza, objetividade, coerência, indicando se os conceitos são relevantes entre outros aspectos.

Os resultados obtidos foram analisados por meio da Análise de Conteúdo categorial temática que segundo Minayo (1998) e Sousa Júnior; Melo e Santiago (2010) implicam em “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (MINAYO, 1998, p. 209). Essa abordagem contempla etapas que envolvem operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias para posterior análise.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ACHADOS DA PESQUISA

3.1 Caracterização do Projeto Carequinha⁸

O projeto está localizado na região Norte da cidade de Uberlândia/MG. Recebe crianças e adolescentes de 6 a 16 anos, de segunda a sexta-feira, das 8hs às 11hs e das 13hs às 16hs30min. Atualmente, a Instituição conta com nove professores/as e 113 alunos/as participantes das aulas. No local são ofertadas várias oficinas como capoeira, musicalização, teatro, circo entre outros. Nas aulas de circo são abordadas as seguintes modalidades: tecido, trapézio, lira, faixa, icarios, portagens, malabares e acrobacias. É um projeto consolidado há 10 anos na cidade, subsidiado através de editais de fomento arte e a cultura da prefeitura local. Conta com uma infraestrutura ampla, um galpão

⁸ Salientamos que nenhum dos projetos pesquisados possui projeto político pedagógico o qual foi solicitado no início da pesquisa.

onde são distribuídos os aparelhos circenses, refeitório, secretaria, sala de reunião e banheiros.

3.2 Caracterização do Projeto Garcia

O projeto organiza as suas aulas em duas igrejas localizadas na zona Oeste de Uberlândia/MG, onde são atendidas crianças e adolescentes de 7 a 18 anos, duas vezes semanais, as segundas e terças-feiras, das 18hs às 21hs. O projeto possui quatro professores/as e aproximadamente 48 alunos matriculados. As atividades realizadas são: malabares, portagens, acrobacias, tecido, trapézio e lira. Esse projeto é subsidiado por igrejas locais e doações de diferentes naturezas. O espaço no qual as aulas são realizadas contempla uma infraestrutura mais simples, com aparelhos mais antigos, colchões doados, materiais diversificados de malabares, equilíbrios e aéreos emprestados.

3.3 Análises dos cenários do Circo Social nos projetos Garcia e Carequinha

As análises dos achados da pesquisa foram baseadas nas entrevistas realizadas com os/as docentes dos projetos, totalizando seis professores/as, bem como nos questionários aplicados aos pais/responsáveis pelos/as participantes, sendo um total de 26. Trabalhamos com a Análise de Conteúdo, definindo as categorias que emergiram dos achados da pesquisa.

Notamos inicialmente por meio das questões 1 e 2 referentes a faixa etária e tempo de participação dos/as alunos/as que os projetos investigados possuem um número maior de participantes na faixa etária de 6 a 10 anos. Por outro lado, identificamos um número reduzido de alunos/as que frequentam as aulas há mais de 1 ano, sugerindo uma considerável rotatividade dos/as participantes.

Já na questão 3, que se refere ao grau de importância atribuído ao projeto por parte dos pais/responsáveis, a maioria considera o projeto muito importante, devido a diversos fatores que serão apresentados em detalhes mais adiante no Quadro 1. Apesar disso, os docentes relataram nas entrevistas que a participação dos pais/responsáveis no cotidiano do projeto e no acompanhamento do desenvolvimento dos/as seus/as filhos/as é restrita, apontando que a maioria, infelizmente não se interessa pelo que acontece do “portão para dentro”. Entretanto, cabe salientarmos como mencionado que alguns pais/responsáveis participam das atividades extraclasse, como a organização dos

festivais e apresentações. Por outro lado, é relevante mencionarmos que os projetos também não apresentam atividades sistemáticas que fomentem a participação desses nas aulas, para além da presença em reuniões semestrais.

Nessa direção, analisando as respostas dos pais/responsáveis na questão 5 “O que você acha do projeto?” São apresentados os achados no quadro na sequência:

Quadro 1 – Categorias que ilustram a visão dos pais e/ou responsáveis sobre o projeto.

Quantidade de respostas em comum	Categorias
10	Importante para o Convívio/Socialização
5	Bom para o desenvolvimento da criança
4	Aprende Disciplina/Regras
4	Importante para o desenvolvimento mental
4	Muito aprendizado
4	Importante para o desenvolvimento físico
3	Prática atividade física
3	Auxilia na educação
3	Importante para a formação moral e de caráter
3	Importante para a família
2	Filhos tem prazer em participar
2	Aprende arte e cultura
2	Os filhos são bem assistidos e orientados
2	De fundamental importância social
1	Ajuda a superar os medos
1	Um incentivo para tirar as crianças da rua
1	Filhos tem alguma coisa para ocupar seu tempo

Fonte: quadro elaborado pela autora.

O Quadro 1 retrata a visão dos pais e/ou responsáveis acerca do projeto salientando o convívio social como uns dos aspectos mais importantes desenvolvidos, fator que se torna fundamental para a construção de uma relação de confiança e amizade. Tais vínculos se refletem na relação que é desenvolvida pelo sujeito, tanto pelo

ambiente, quanto pelas pessoas envolvidas como podemos verificar na fala do docente trazida na sequência:

[...] tem um clima interessante de você, tipo assim, de você sentir uma empatia sabe, muita empatia pelo outro, o seu colega, o seu amigo da equipe porque você sabe que ele tá passando as mesmas dificuldades e você às vezes se sente motivado a ajudar, sabe?! Então é um clima interessante de superação em equipe, um tentando ajudar o outro, é, é muito bom (Trecho da entrevista com o Professor 4 do Projeto Garcia).

Sabemos que as atividades propostas no circo podem fortalecer as relações interpessoais, a autossuperação, a cooperação entre outros aspectos como cita Cionini (2006) frente às atividades acrobáticas. Somente para exemplificar ao propormos o trabalho com as acrobacias, entre o volante (que está sendo carregado) e o portô (quem carrega) deve existir uma relação de responsabilidade mútua, a fim de manter a segurança na evolução dos desenhos.

Identificamos também que nas relações interpessoais nos projetos pesquisados são estimulados o diálogo constante e o respeito. A relação aluno/professor e aluno/aluno é horizontal, na qual os educadores não defendem “verdades absolutas” ou mesmo se veem como detentores do conhecimento. Ademais, as práticas educativas são desenvolvidas por meio de relações cotidianas com os/as alunos/as, buscando resolver problemas de todas as naturezas, ensinando e aprendendo continuamente. Nos cenários pesquisados, as resoluções de conflitos acontecem, sendo que em um dos projetos é empregada uma estratégia interessante que é a escuta das partes, como vemos na sequência:

A gente tenta sempre dialogando com eles, e às vezes sentam as pessoas envolvidas no conflito, explicam né, escutam primeiro as versões deles, por que que aconteceu, e explica que não pode às vezes ser resolvido dessa forma, às vezes com agressões com palavras né, e a gente explica que não pode ser assim. Tenta explicar a forma como que deve ser feita [...] (Trecho da entrevista com o Professor 2 do projeto Carequinha).

O quadro 2 representa as categorias encontradas com relação a visão dos/as professores/as sobre o projeto quando questionados sobre “Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele ”

Quadro 2 – Categorias referentes à visão dos/as professores/as sobre o projeto.

Quantidade de respostas em comum	Categorias
4	Criação de laços/vínculos
3	Realização profissional
2	Transformar vidas
2	Melhora as relações/convívio
2	Melhora a autoestima
1	Oportunidade de emprego
1	Arma de mudança social
1	Melhora a confiança
1	Melhora a disposição
1	Motivador
1	Amplia o significado dos valores humanos

Fonte: quadro elaborado pela autora

A criação de vínculos associada ao convívio/socialização é uma condição importante apresentada pelos envolvidos na pesquisa, além do aspecto inerente a realização profissional, sendo o Circo Social um elemento mediador de novas aprendizagens e de novas metodologias como afirma Perim (2010). Sendo assim, as práticas do ambiente permitem o aprendizado com liberdade, colocando o sujeito no centro do processo educativo, produzindo um cenário que possibilite sua emancipação.

O quadro 3 retrata a questão número 4, qual seja, “Você notou alguma mudança no comportamento da criança/adolescente após a entrada dele no projeto de circo (na escola, em casa, nas relações familiares)? ” De acordo com os questionários, 23 pais/responsáveis dos 26 responderam que notaram mudanças comportamentais nos sujeitos. Na sequência trazemos as categorias encontradas:

Quadro 3 – Categorias referentes às mudanças comportamentais dos participantes após a entrada nos projetos notadas pelos pais/responsáveis

Quantidade de respostas em comum	Categorias
10	Melhora no desenvolvimento físico/disposição
8	Está mais feliz

5	Melhora na socialização
5	Melhora na disciplina/comprometimento/respeito
2	Deixou de lado a televisão e celular
2	Tem desenvolvido a criatividade
2	Está mais calma/o e tranquilo/a
2	Está mais educado
2	Está mais participativo/a
1	Passa menos tempo na rua
1	Está mais desinibida

Fonte: quadro elaborado pela autora.

No quadro 4 selecionamos as respostas em relação as mudanças comportamentais de acordo com os professores/as quando questionados sobre isso na questão “Você consegue identificar mudanças de comportamento nos alunos no decorrer das aulas? ”

Quadro 4 – Categorias referentes às mudanças comportamentais dos participantes após a entrada nos projetos notadas pelos/as professores/as

Quantidade de respostas em comum	Categorias
6	Melhora o convívio social
4	Melhora respeito
2	Melhora na agressividade
1	Desenvolve disciplina
1	Desenvolve a organização
1	Desenvolve a persistência
1	Trabalham a superação
1	Ajuda a lidar com os medos
1	Melhora empatia
1	Aprendem a adaptar-se
1	Aprendem a concentração
1	Mais educadas

Fonte: quadro elaborado pela autora

Identificamos que houve aspectos em comum tanto no discurso dos pais/responsáveis quanto dos/as docentes em relação às mudanças comportamentais, como a questão de atitudes mais respeitadas perante os/as professores/as e alunos/as e as regras do convívio social. Assim, os participantes dos projetos analisados têm se mostrado mais comprometidos e participativos, como vemos no exemplo trazido pela professora do projeto Garcia:

Nitidamente!! Nitidamente!! Tem alunos que no primeiro dia de aula fazia de tudo, ou pra atrapalhar em termos de conversa, de gritaria, de bater no outro, ou de extremamente silencioso a ponto de não levantar para um aquecimento. [...] você vê alunos que não respeitavam ninguém, de repente chegando no local da aula e falando boa tarde pra diretora, falando bom dia, agradecendo pelo lanche. E aí você vê os pais agradecendo por isso. Então é algo extremamente assim, é gratificante! (Trecho da entrevista com a Professora 6 do projeto Garcia).

Tais aspectos corroboram os achados na literatura sobre os objetivos das práticas do Circo Social, apresentados por Dal Gallo (2010), o qual afirma que através das aprendizagens das técnicas circenses é possível a construção de valores humanos. Sabemos que cada instituição tem uma forma particular de olhar o fenômeno educativo, com metodologias e programas próprios que precisam dialogar com o contexto no qual está inserida, além de considerar o público-alvo e as problemáticas que os envolvem. Assim, quatro aspectos são fundamentais para o Circo Social: a necessidade de compreensão dos direitos individuais enquanto cidadãos; a possibilidade de formação profissional por meio do desenvolvimento das competências e habilidades; à aprendizagem e ao exercício das práticas que permitem aos indivíduos se organizarem com objetivos comunitários direcionados a resolver problemas do cotidiano coletivo, e “finalmente, o quarto ponto é a aprendizagem dos conteúdos da educação formal nas suas várias formas e espaços” (DAL GALLO, 2010, p. 27).

Na questão direcionada aos docentes “Quais valores sociais você identifica ser possível trabalhar com os alunos durante as aulas?” Todos os pesquisados identificam a possibilidade de trabalhar valores humanos como respeito, solidariedade, empatia, generosidade, entre outros nas aulas. Entretanto, Silva (2001, p. 182) nos alerta que

[...] A utilização da linguagem circense como ferramenta no processo pedagógico não toma o circo como algo que está ‘naturalmente’ inscrito no campo social, devido aos seus valores ‘universalmente

compartilhados', como solidariedade, sentido de responsabilidade e respeito. Pois, como ferramenta ou dispositivo pedagógico, a aprendizagem da linguagem circense não é isenta na maneira como é pedagogicamente utilizada, sendo totalmente dependente dos sujeitos que as operam e de seus projetos societários; portanto, não há um sentido necessariamente positivo no uso dessa linguagem, por si só (SILVA, 2001, p. 182)

Nesse sentido, Cionini (2005) contribui abertamente para essa discussão trazendo elementos relevantes, a fim de compreender as concepções educacionais que o Circo Social sustenta nas aulas e questiona sobre quais os atributos que os participantes desenvolvem durante o processo de ensino-aprendizado e quais desdobramentos implicam no cotidiano. Portanto, descreve que através dessa prática, além do conhecimento artístico e técnico, atribui-se o desenvolvimento de relações consigo e com o outro e de condutas sociais que contribuem para o seu desenvolvimento como cidadão.

Já é fato que o Circo Social pode propiciar transformações significativas na vida dos participantes, pois as experiências vividas nesse contexto são singulares e marcantes, e que a cada aula as possibilidades educacionais vão se transformando nas diferentes situações, como também os/as docentes vão se apropriando e se capacitando para encarar novos desafios suscitados nas aulas.

Quando analisamos os aspectos pedagógicos identificados nas entrevistas, na questão direcionada aos professores/as “Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no projeto?” O processo educacional do Circo Social é coerente ao que Freire (1981) propõe sobre utilizar o diálogo e a liberdade como princípios de desenvolvimento pedagógico, deixando com que o/a aluno/a desenvolva a autonomia no decorrer das aulas. Com isso, é ressaltada a possibilidade de compreender e respeitar as suas capacidades e dos/as colegas, em que não somente o/a professor/a tem voz no processo, mas os/as alunos/as que participam dele também, promovendo relações por meio das quais todos tem possibilidades de tomada de decisão no desenvolvimento das aulas.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1981, p. 78-79)

Nesse sentido, em relação à questão da metodologia das aulas foi reportado pela maioria dos pesquisados o conteúdo estrutural da mesma, normalmente identificada em parte inicial, principal e final, na qual geralmente reproduzem a aula da maneira que aprenderam, repetindo, portanto, o formato que vivenciaram no seu processo de formação.

Então, a gente desenvolve a metodologia né, praticamente a mesma que eu tive né, de fazer primeiro a preparação corporal, que as crianças normalmente chegam “cruas” aqui, às vezes nunca praticou nenhuma atividade física. (Trecho da entrevista com o Professor 2 do projeto Carequinha)

Apesar do Circo Social ser um fenômeno recente no contexto brasileiro como já afirmamos, e que de fato, ainda são poucas as publicações e materiais desenvolvidos nessa temática, já existem alguns trabalhos direcionados para discutir e repensar a formação dos/as profissionais envolvidos/as, como apresenta Cionini (2006) em um documento que traz uma sistematização de um curso de formação para instrutores de Circo Social⁹.

Na mesma direção, Silveira (2003) discute a proposta metodológica da Rede Circo do Mundo Brasil, inserindo essa temática e discorrendo também sobre os perfis psicológicos dos sujeitos que participam desse contexto, além dos processos pedagógicos que poderiam embasar o desenvolvimento das aulas.

Desse modo, ao refletimos sobre a questão da formação profissional, notamos que dos/as seis docentes entrevistados, a maioria não tem formação técnica em escola profissionalizante de circo¹⁰ como apresentado nas respostas da questão “Você já fez algum curso de formação específica para o Circo Social?”. Assim, apenas um deles teve

⁹ Essa proposta é fruto de uma parceria da Escola Nacional de Circo em conjunto com o *Cirque du Soleil*. Para maiores esclarecimentos ver https://matteocioniniblog.files.wordpress.com/2013/01/tra_assistenza_e_professione.pdf. Acesso em: 15 de Jan. 2019.

¹⁰ A Escola Nacional de Circo foi fundada em 1982 no Rio de Janeiro e continua em atividades até o dia de hoje. De acordo com Bortoleto e Silva (2017) nos chama atenção e deve ser alvo de reflexões “O fato de apenas em 2014 a ENC ter conseguido reconhecer seu diploma por parte do Ministério da Educação (MEC) – como formação tecnológica –, via uma parceria firmada com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)”. Para maiores esclarecimentos ver <http://www.funarte.gov.br/escola-nacional-de-circo-2/>. Acesso em: 15 de Jan. 2019.

a sua trajetória profissional como artista de circo itinerante, e a maioria dos/as entrevistados/as vieram de áreas que não são relacionadas ao circo iniciando o seu contato com o Circo Social nos projetos que hoje ministram aulas, ou seja, são autodidatas, indo ao encontro do que menciona Bortoleto (2011), que a formação dos/as profissionais envolvidos com o ensino-aprendizado do circo geralmente se desenvolve através de empenho pessoal e experimentação prática. Somente dois docentes entrevistados tem formação em nível superior, um deles em Pedagogia.

Nenhum dos/as entrevistados/as fez curso específico para formação na área de Circo Social, o que já era esperando levando em consideração os poucos cursos oferecidos sobre essa temática¹¹. Na maioria dos casos utilizam para as suas aulas as metodologias adquiridas pela experiência e diálogo com seus pares. Alguns deles/as realizaram cursos específicos de modalidades de circo, geralmente de curta e média duração, e todos/as identificam uma necessidade de capacitação para a continuidade e aperfeiçoamento das aulas.

De cursos, eu fiz cursos específicos né, promovidos pelo MC ou pelo próprio CV, tanto como artista como professor né, como por exemplo, curso de parada de mão, curso de canastilha, curso de tecido, então tudo isso eu tive experiência de fazer. Agora um curso de educador, assim, eu não fiz. (Trecho da entrevista com o Professor 2 do projeto Carequinha)

Cionini (2006) retrata essa temática em seu trabalho, expondo que nos últimos 25 anos as práticas sociais por intermédio do circo tiveram um grande progresso no Brasil, principalmente através das ONGs, porém sem um embasamento teórico e aprofundamento necessário, negligenciando o debate ao priorizar a prática à reflexão teórica. O mesmo autor analisa ainda a relevância desse/a profissional estar preparado/a para exercer o seu papel com profissionalismo e ter habilidades pedagógicas e psicológicas inerentes a sua prática, sabendo agir em situações complexas devido as condições vulneráveis do contexto dos participantes.

Visando suprir essas lacunas, a Escola Pernambucana de Circo publicou em 2017, o guia metodológico de suas práticas pedagógicas e técnicas circenses com Circo

¹¹ Durante a pesquisa identificamos o Curso de Formação de Educadores/as em Circo Social que se encontra em sua terceira edição em 2018, resultante de uma parceria entre a Rede Circo do Mundo Brasil e o *Cirque du Soleil*.

Social, sob coordenação de Fátima Pontes (VÁRIOS COLABORADORES, 2017). Tal projeto foi contemplado pelo Edital 2013/2014 do Funcultura/Fundarpe/Governo do Estado de Pernambuco, na linha de publicações na categoria Circo, contribuindo com o debate e com ricos subsídios as práticas pedagógicas do Circo Social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos desta pesquisa quais sejam analisar as influências do Circo Social para a formação humana, bem como nas relações familiares de participantes de dois projetos sociais da cidade de Uberlândia/MG, além de mapear as expectativas dos pais/responsáveis e identificar se na visão dos/as docentes houve mudanças comportamentais nos/as alunos/as dos projetos pesquisados, pudemos constatar que o Circo Social tem contribuído para o desenvolvimento de valores humanos, influenciando positivamente nas relações familiares. Além disso, verificamos por meio da fala dos participantes da pesquisa diferentes mudanças comportamentais nos/as alunos/as como a socialização, o respeito, a disposição entre outros aspectos.

As dificuldades vivenciadas na sistematização das aulas, assim como a reflexão dos sentidos e significados possíveis do Circo Social ainda carecem de muita atenção por parte do/as docentes, sendo de extrema importância a reflexão sobre suas possibilidades didático-pedagógicas e metodológicas. Os/As docentes precisam compreender seu papel como mediadores no processo educativo, refletindo sobre o Circo Social para além da questão técnica nas aulas.

Indicamos que novos estudos possam ser realizados nesta temática abrangendo diferentes regiões brasileiras, por meio de outras ferramentas metodológicas como a observação de aulas, entrevistas com gestores e discentes desenvolvendo intervenções com um tempo mais prolongado no campo, colocando em ação novas propostas educativas.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para fomentar o debate e dar maior visibilidade para o fenômeno do Circo Social na realidade mineira, bem como em outros Estados, estimulando professores/as a buscar amplo embasamento teórico-metodológico para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Certamente, um desafio que já abraçamos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; COLUCI, Marina Zanbon Orpinelli. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p.3061-3068, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/06.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARRÍA, Claudio. **Verbetes de Circo Social**. 2006. Disponível em <http://www.seessarua.org.br/circo_social.php> Acesso em: 13 jul. 2017.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. Características da investigação qualitativa. In: BOGDAN, Robert C. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto. Porto Editora, 1994.p. 47- 51.

BOLOGNESI, Mario Fernando **Circos e palhaços brasileiros**. São Paulo: Cultura Acadêmica; São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em <http://books.scielo.org/id/gnfy3/pdf/bolognesi-9788579830211.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades Circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, n. 2, p. 43-55, jul. 2011.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Ermínia. Circo: Educando entre as gretas. **Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, Uberlândia, v. 4, n. 2, 2017.

CONSTANCIO, Rudimar. **Circo Social: a experiência da Escola Pernambucana de Circo**. Recife: Editora do Autor, 2011.

CIONINI, Matteo. **Tra assistenza e professione: il Circo Sociale in Brasile**. Dissertação (Mestrado em espetáculo) – Departamento Artes Musicas Espectáculo, Università degli Studi Alma Mater Studiorum, Bolonha. 2006. Disponível em https://matteocioniniblog.files.wordpress.com/2013/01/tra_assistenza_e_professione.pdf . Acesso em 29/01/2019.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.

DAL GALLO, Fabio. A renovação do circo e o circo social. **Revista Repertório Teatro e Dança**, Salvador, ano 13, n.15, p. 25-29, 2010.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a Educação Popular. **Proposta. Revista Trimestral de Debate da FASE**, nº 113. Jul. 2007. Disponível em:

https://issuu.com/ongfase/docs/proposta_113_final. Acesso em: 03 dez. 2018.

FUNDARPE. Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Circo Social no Brasil. [S/D].

GOMES, Alberto Albuquerque. Estudo de casos, planejamento e métodos. **Revista Nuances, Presidente Prudente**, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 215-221, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai./jun. 1995.

LOPES, Carlos Eduardo. Uma proposta de definição do comportamento no behaviorismo radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**.

Belo Horizonte/ MG, v. X, n. 1, p. 1-13, 2008. Disponível em

<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/206/172>. Acesso em

29/01/2019.

PERIM, Junior. Circo Social brasileiro: da ação social educativa à produção estética. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Vol. 2. Jundiaí: Fontoura, 2010, p. 205-216.

PONTES, Maria de Fátima. As Relações Humanas na Pedagogia do Circo Social Desenvolvidas Pela Escola Pernambucana de Circo. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; SILVA, Erminia. (Org). **Circo: horizontes educativos**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2016, p. 209-224.

SILVA, Ermínia. **O novo está em outro lugar**. Palco Giratório, 2011: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas. Rio de Janeiro; SESC, Departamento Nacional, p. 12-21, 2011.

SILVA, Ermínia; ABREU, Luis Alberto, **Respeitável público... o circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p.177-196.

SILVEIRA, Cleia. Jose. CASTRO, Alice Viveiros; CAVALCANTI, Carlos; OLIVEIRA, Jose Clementino. **Rede Circo do Mundo Brasil: Uma proposta metodológica em rede**. Rio de Janeiro: FASE, 2003. Disponível em

https://issuu.com/ongfase/docs/revista_circo_do_mundo_brasil Acesso em: Jul 2017.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. Tradução João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. 11ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

- SOMME, Maria Isabel; CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. **A arte como fomentadora do desenvolvimento humano**: um estudo com adolescentes em Mogi Mirim/SP. In: BORBOLETO, Marco Antonio Coelho; BARRAGÁN, Teresa Ontañón; SILVA, Ermínia. **Circo**: horizontes educativos. São Paulo: Editora Autores Associados, 2016, p. 169-187.
- ROCHA, Gilmar. O circo no Brasil – o estado da arte. **Revista BIB**, São Paulo, nº 70, 2º semestre de 2010.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, p. 51-70, 1987.
- VÁRIOS COLABORADORES. **ESCOLA PERNANBUCANA DE CIRCO (livro eletrônico)**: guia metodológico de suas práticas pedagógicas e técnicas circenses com o Circo Social. Recife, PE: A Escola, 2017.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como metodologia de pesquisa. **Revista SOCERJ**, v.20, n.5, p. 383-386, 2007.
- YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre. Bookman; 2001.
- _____. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. São Paulo. Bookman, 2005.

TERMO DE CONSENTIMENTO PAIS



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “O papel do circo social no desenvolvimento da cidadania de crianças e jovens”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Janaina Oliveira Alves Sousa, discente do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cassia Fernandes Miranda. Nesta pesquisa nós estamos buscando identificar os valores trabalhados nas aulas de circo social para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, além das expectativas dos pais e/ ou responsáveis quanto ao trabalho desenvolvido.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Janaina Oliveira Alves Sousa nas terças-feiras durante as aulas de circo que acontecem na XI Igreja Presbiteriana de Uberlândia na Rua Cobalto 24, Dona Zulmira, Uberlândia – MG, no qual você terá um tempo para decidir se deseja participar ou não da pesquisa conforme o item IV da Resolução CNS 466/12 ou o cap. 3 da Resolução 510/2016.

Na sua participação, você irá ser submetido a uma entrevista composta por doze questões buscando investigar quais as concepções dos docentes sobre o papel e a relevância do circo social referente ao trabalho desenvolvido no projeto no que tange aos valores humanos, as quais serão submetidas a análise de conteúdo pela pesquisadora.

Salientamos que em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Nesta pesquisa não há riscos previsíveis ou mensuráveis. Além disso, está claro que não vai haver nenhuma forma de reembolso financeiro, já que com a participação na pesquisa não terei nenhum gasto. Os benefícios da pesquisa estão ligados a produção de conhecimento e aprofundamento das análises qualitativas do circo social como espaço de intervenção no campo da Educação Física.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Janaina Oliveira Alves Sousa, telefone celular (34) 99125-9462 ou fixo (34) 3234-8491, e-mail jana_oas@hotmail.com, discente na Universidade Federal de Uberlândia no Campus Educação Física, no endereço R. Benjamin Constant, 1286 - Bairro Aparecida Uberlândia-MG – CEP 38400-678, telefone (34) 3218-2901.

Você poderá também entrar em contato com o CEP – Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “O CIRCO SOCIAL BRASILEIRO: A EXPERIÊNCIA DE UBERLÂNDIA-MG”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Janaina Oliveira Alves Sousa, discente do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cassia Fernandes Miranda. Nesta pesquisa estamos buscando identificar os valores enfatizados nas aulas de circo social para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, as influências das aulas na relação do participante com a família, além das expectativas dos pais e/ ou responsáveis quanto ao trabalho desenvolvido.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Janaina Oliveira Alves Sousa nas terças-feiras durante as aulas de circo que acontecem na Associação Circo da Vida na Avenida Cesário Crosara, número 3397, bairro Presidente Roosevelt, Uberlândia - MG, no qual você terá um tempo para decidir se deseja participar ou não da pesquisa conforme o item IV da Resolução CNS 466/12 ou o cap. 3 da Resolução 510/2016.

Na sua participação, você irá ser submetido a um questionário composto por seis questões buscando investigar quais as concepções sobre o papel e a relevância do circo social referente ao trabalho desenvolvido no projeto no que tange aos valores humanos, as quais serão submetidas a análise de conteúdo pela pesquisadora.

Salientamos que em nenhum momento você será identificado e que essa pesquisa está estabelecida dentro das exigências éticas e científicas fundamentais, onde há riscos mínimos, como por exemplo, a identificação dos participantes. Estes riscos serão minimizados pelo fato dos participantes terem suas identidades preservadas recebendo apenas letras e números para identificação. Além disso, está claro que não vai haver nenhuma forma de reembolso financeiro, já que a participação na pesquisa é livre e não haverá custos. Os benefícios da pesquisa estão ligados à produção de conhecimento e aprofundamento das análises qualitativas do circo social como espaço de intervenção no campo da Educação Física.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Janaina Oliveira Alves Sousa, discente na Universidade Federal de Uberlândia no Campus Educação Física, no endereço R. Benjamin Constant, 1286 - Bairro Aparecida Uberlândia-MG – CEP 38400-678, telefone (34) 3218-2901.

Você poderá também entrar em contato com o CEP – Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos

participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO PROFESSORES



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “O CIRCO SOCIAL BRASILEIRO: A EXPERIÊNCIA DE UBERLÂNDIA - MG”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Janaina Oliveira Alves Sousa, discente do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cassia Fernandes Miranda. Nesta pesquisa estamos buscando identificar os valores enfatizados nas aulas de circo social para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, as influências das aulas na relação do participante com a família, além das expectativas dos pais e/ ou responsáveis quanto ao trabalho desenvolvido.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Janaina Oliveira Alves Sousa nas terças-feiras durante as aulas de circo que acontecem na Associação Circo da Vida na Avenida Cesário Crosara, número 3397, bairro Presidente Roosevelt, Uberlândia - MG, no qual você terá um tempo para decidir se deseja participar ou não da pesquisa conforme o item IV da Resolução CNS 466/12 ou o cap. 3 da Resolução 510/2016.

Na sua participação, você irá ser submetido a uma entrevista composta por doze questões buscando investigar quais as suas concepções sobre o papel e a relevância do circo social referente ao trabalho desenvolvido no projeto no que tange aos valores humanos, as quais serão submetidas a análise de conteúdo pela pesquisadora.

Salientamos que em nenhum momento você será identificado e que essa pesquisa está estabelecida dentro das exigências éticas e científicas fundamentais, onde há riscos mínimos, como por exemplo, a identificação dos participantes. Estes riscos serão minimizados pelo fato dos participantes terem suas identidades preservadas recebendo apenas letras e números para identificação. Além disso, está claro que não vai haver nenhuma forma de reembolso financeiro, já que a participação na pesquisa é livre e não haverá custos. Os benefícios da pesquisa estão ligados à produção de conhecimento e aprofundamento das análises qualitativas do circo social como espaço de intervenção no campo da Educação Física.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para

solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Janaina Oliveira Alves Sousa, discente da Universidade Federal de Uberlândia no Campus Educação Física, no endereço R. Benjamin Constant, 1286 - Bairro Aparecida Uberlândia-MG - CEP 38400-678, telefone (34) 3218-2901.

Você poderá também entrar em contato com o CEP – Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “O papel do circo social no desenvolvimento da cidadania de crianças e jovens”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Janaina Oliveira Alves Sousa, discente do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cassia Fernandes Miranda. Nesta pesquisa nós estamos buscando identificar os valores trabalhados nas aulas de circo social para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, além das expectativas dos pais e/ ou responsáveis quanto ao trabalho desenvolvido.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Janaina Oliveira Alves Sousa nas terças-feiras durante as aulas de circo que acontecem na XI Igreja Presbiteriana de Uberlândia na Rua Cobalto 24, Dona Zulmira, Uberlândia – MG, no qual você terá um tempo para decidir se deseja participar ou não da pesquisa conforme o item IV da Resolução CNS 466/12 ou o cap. 3 da Resolução 510/2016.

Na sua participação, você irá ser submetido a uma entrevista composta por dez questões buscando investigar quais as concepções dos docentes sobre o papel e a relevância do circo social referente ao trabalho desenvolvido no projeto no que tange aos valores humanos, as quais serão submetidas a análise de conteúdo pela pesquisadora.

Salientamos que em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Nesta pesquisa não há riscos previsíveis ou mensuráveis. Além disso, está claro que não vai haver nenhuma forma de

reembolso financeiro, já que com a participação na pesquisa não terei nenhum gasto. Os benefícios da pesquisa estão ligados a produção de conhecimento e aprofundamento das análises qualitativas do circo social como espaço de intervenção no campo da Educação Física.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Janaina Oliveira Alves Sousa, telefone celular (34) 99125-9462 ou fixo (34) 3234-8491, e-mail jana_oas@hotmail.com, discente na Universidade Federal de Uberlândia no Campus Educação Física, no endereço R. Benjamin Constant, 1286 - Bairro Aparecida Uberlândia-MG - CEP 38400-678, telefone (34) 3218-2901.

Você poderá também entrar em contato com o CEP – Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde. Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

ANEXO 2

ROTEIRO DOS QUESTIONÁRIOS



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia



Título da pesquisa: O circo social brasileiro: a experiência de Uberlândia - MG

Pesquisadora: Janaína Oliveira Alves Sousa

Orientadora: Rita de Cassia Fernandes Miranda

Questionário para os Pais e/ou Responsáveis

1- Qual a idade do aluno sob sua responsabilidade?

() 6 à 8 anos

- ☐ 8 à 10 anos
- ☐ 10 à 12 anos
- ☐ 12 à 14 anos
- ☐ 14 à 16 anos
- ☐ 16 à 18 anos
- ☐ maior que 18 anos

2- Há quanto tempo o aluno participa do projeto de circo?

- ☐ 0 a 6 meses
- ☐ 6 meses à 1 ano
- ☐ de 1 à 2 anos
- ☐ mais de 2 anos

3- Como você identifica o projeto de circo?

- ☐ nada importante
- ☐ pouco importante
- ☐ importante
- ☐ muito importante

4- Você notou alguma diferença no comportamento da criança/ do adolescente após a entrada dele no projeto de circo (na escola, em casa, nas relações familiares)?

5- O que você acha do projeto?

6-Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTAS



Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia

Título da pesquisa: O circo social brasileiro: a experiência de Uberlândia - MG

Pesquisador responsável: Janaína Oliveira Alves Sousa

Orientadora: Rita de Cassia Fernandes Miranda

Roteiro de entrevista para os Profissionais atuantes no projeto

Idade:

Sexo:

Tempo de atuação no projeto:

- 1- Como começou a sua participação no projeto? Foi educando/a do Projeto?
- 2- Poderia comentar como foi sua trajetória profissional até chegar ao Projeto?
- 3 - Você atua em outras áreas relacionadas ao circo?
- 4 - Qual o seu envolvimento com o circo antes de atuar no Projeto?
- 5 - Por que surgiu o interesse de se tornar professor de circo num projeto social?
- 6 - Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no Projeto? Você já fez curso de formação específica para o ambiente do circo social?
- 7- Qual os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?
- 8 - Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?
- 9 - Você consegue identificar mudanças de comportamento nos alunos no decorrer das aulas?
- 10 - Qual a relação dos pais ou responsáveis com o projeto?
- 11 - Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele.
- 12- Gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi contemplada na entrevista?

ANEXO 4

PARECER DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O circo social brasileiro: a experiência de Uberlândia - MG

Pesquisador: Rita de Cassia Fernandes Miranda

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80430017.0.0000.5152

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física e Fisioterapia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.706.898

Apresentação do Projeto:

Trata-se de análise de respostas às pendências apontadas no parecer consubstanciado número 2.429.166, de 11 de Dezembro de 2017.

"O circo social, fenômeno em plena expansão na realidade brasileira, pode ser compreendido como uma pedagogia que emprega o circo na condição de ferramenta pedagógica para o desenvolvimento humano, inclusão social e promoção da cidadania. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar as influências do circo social na formação humana de crianças e jovens participantes de projeto social bem como nas relações familiares. Ainda como objetivos específicos, buscaremos identificar se valores como respeito, cooperação e solidariedade são compreendidos pelas crianças e jovens nas aulas de circo; analisar se houve mudanças na relação do participante com a família e na conduta dos alunos/as decorrentes da participação no projeto, além de relacionar se as expectativas dos pais ou responsáveis estão em consonância com a visão e os objetivos dos professores/as do projeto. O estudo é de natureza descritiva caracterizando-se como estudo de caso. Os participantes da pesquisa serão 3 professores atuantes no projeto há mais de um ano, além de trinta pais ou responsáveis de crianças ou adolescentes participantes do projeto. Serão utilizados como instrumentos de coleta de dados questionários direcionados aos pais ou responsáveis e entrevistas semi-estruturadas que serão aplicadas aos docentes do projeto. Os resultados serão tratados por meio de Análise de Conteúdo (AC). Espera-se que a presente

Continuação do Parecer: 2.705.295

pesquisa possa ampliar a produção de conhecimento no âmbito da arte circense por meio da ampliação e análise qualitativa dos saberes, além de mudanças de conceitos dos participantes deste processo."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as influências do circo social na formação humana dos alunos participantes de projeto social bem como nas relações familiares.

Objetivo Secundário:

– Identificar se valores como respeito, cooperação e solidariedade são compreendidos pelas crianças e jovens nas aulas de circo; – Analisar se houve mudanças na relação do participante com a família e na conduta dos alunos/as decorrentes da participação no projeto; – Relacionar se as expectativas dos pais/responsáveis estão em consonância com a visão e os objetivos dos professores/as do projeto. – Constatar na visão dos professores/as como essa metodologia vem sendo utilizada na mediação dos conflitos presentes nas aulas."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

"Riscos: Salientamos que essa pesquisa está estabelecida dentro das exigências éticas e científicas fundamentais, onde há riscos mínimos, como por exemplo, a identificação dos participantes, os quais serão minimizados pelo fato dos participantes terem suas identidades preservadas recebendo apenas letras e números para identificação. A fim de prevenir e evitar possíveis danos aos participantes, consideraremos os participantes contextualizados a realidade histórico e sociocultural em suas dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual, conforme item II.6, da Resolução CNS 466/12. Desse modo, a equipe executora se compromete com o sigilo absoluto da identidade dos participantes, preservando todas as informações na publicação dos resultados, implicando o consentimento livre e esclarecido dos mesmos.

Benefícios: Os benefícios da pesquisa estão ligados à produção de conhecimento e aprofundamento das análises qualitativas do circo social como contexto de atuação profissional no campo da Educação Física, além da relevância social, com vantagens significativas para os participantes, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos sem perder o sentido de sua destinação socio humanitária. Os benefícios aos participantes da pesquisa poderão ser diretos ou indiretos, como por exemplo, o aprofundamento do conhecimento a respeito do tema, a

Endereço: Av. João Neves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus 8ta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 2.708.895

valorização deste patrimônio cultural que poderá implicar em longo prazo em mudanças na concepção que os participantes tem sobre o circo, suas possibilidades educacionais, pedagógicas e formativas."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Se trata de uma pesquisa qualitativa a ser realizado no local das aulas de um circo social anexo a uma igreja da cidade de Uberlândia/MG, região oeste, incluindo 3 professores (mais de um ano de atuação) e 30 pais de alunos. Um questionário (perguntas abertas e fechadas) será aplicado aos pais/responsáveis e entrevista semi-estruturada com os professores. Os resultados obtidos serão analisados na perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Os autores salientaram a página 10 do projeto que realização das entrevistas com os professores será feita após as aulas em um momento previamente combinado e que não interfira no desenvolvimento das atividades da aula.

"O tamanho da amostra intencional dos professores corresponde ao número de participantes que se enquadram nos critérios de inclusão estabelecidos. Quanto ao número de pais, o fechamento amostral será por saturação teórica que segundo Fontanella et al (2011) e Minayo (2017) pode ser definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os achados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição. Assim, "há saturação teórica quando a interação entre campo de pesquisa e o investigador não mais fornece elementos para balizar ou aprofundar a teorização" (FONTANELLA et al, 2011, p.390). Entendemos que com este número de participantes possivelmente tenhamos condições de alcançar a saturação dos dados."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas no parecer consubstanciado número 2.429.166, de 11 de Dezembro de 2017, foram atendidas.

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Endereço: Av. João Neves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 2.708.895

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Data para entrega de Relatório Final ao CEP/UFU: Abril de 2019.

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 466/12, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de

Endereço: Av. João Neves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br

Página 04 de 06

Continuação do Parecer: 2.706.695

projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_973278.pdf	21/03/2018 22:14:48		Aceito
Outros	CARTA_PENDENCIAS.docx	21/03/2018 22:14:03	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_21_03.docx	21/03/2018 22:12:13	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Outros	termo_equipe.pdf	20/03/2018 12:06:27	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Outros	carta.docx	20/03/2018 12:00:40	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Outros	ANEXO_questionario.odt	21/12/2017 11:07:45	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Outros	roteiro_entrevista_06_10_17.docx	21/12/2017 11:07:08	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFESSORES_06_10_17.odt	21/12/2017 11:05:22	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS_06_10_17.docx	21/12/2017 11:05:06	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Outros	LINK_LATTES.docx	06/10/2017 10:20:20	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaraoinstituicao.docx	07/08/2017 15:24:29	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocep2017.docx	07/08/2017 15:13:40	Rita de Cassia Fernandes Miranda	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



Continuação do Parecer: 2.706.595

UBERLÂNDIA, 12 de Junho de 2018

Assinado por:
Karine Rezende de Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br

Página 06 de 06

ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

P1CV

Idade :30 anos – Colômbia

Tempo de atuação no projeto: mais de 3 anos

Pesquisadora: Como começou a sua participação no projeto? Foi educando/a do Projeto?

Participante: Bom! É.. Eu cheguei aqui em Uberlândia em 2012, e eu comecei no projeto de uma forma voluntária, através de um intercâmbio né, e meu primeiro contato foi na parte administrativa, na parte de marketing e comunicação. E aí, é... uma das coisas com o circo tradicional né, de lona se diz que ninguém faz uma coisa só. Então eu fazia a parte administrativa e a noite, ou nos tempos mais quando tinha apresentação, a gente apresentava e organizava os espetáculos e tudo mais. Mas aí foi o início da minha experiência. Passaram os anos né, e aí eu já tinha experiência como professor de alguns esportes né, é, no caso com o karatê, já tinha experiência com crianças, e aí uma oportunidade de colocar em prática essa experiência com o circo, e aí comecei como professor da arte circense.

Pesquisadora: Você começou a trabalhar em qual ano? No ano que você chegou ou depois?

Participante: Eu comecei a trabalhar como professor foi em 2013, um ano depois. Eu tive que sair do Brasil e voltei. Aí já fui, mas primeiro como necessidade, mas, aí eu fui pegando o jeito, fui me profissionalizando um pouco, no sentido de fazer alguns cursos, que eu podia aplicar com as crianças. Então foi bem depois.

Pesquisadora: Poderia comentar como foi sua trajetória profissional até chegar ao Projeto?

Participante: Essa profissional é?

Pesquisadora: Profissional, com relação a arte... Se você já tinha tido contato antes.

Participante: Bom! É.. em relação a arte, realmente o primeiro contato foi aqui no circo né.. Foi aqui em Uberlândia, no circo da vida. Eu nunca imaginei que eu poderia estar envolvido numa questão circense, e muito menos como artista, com alguma outra coisa. Então, assim, eu não pensava que eu, eu vim pra trabalhar na parte administrativa, no que eu me formei como marketing e publicidade, mas, igual eu te falei, no início foi necessidade, mas eu fui fazendo alguns cursos, é... a própria equipe de trabalho com que a gente tava, a gente treinava muito junto, e também a bagagem que eu tinha como, na experiência de professor de karatê, de 15 anos, então é ... eu fiz uma mistura do que, da experiência que eu já tinha com os aparelhos circenses. E a facilidade de lidar com crianças entre 4 e 18 anos mais ou menos. É, a gente percebe que, é o primeiro contato do circo, então eu me dei muito bem, é..., realmente eu não sou aqueles que vai, sobe no tecido, não sou aquele grande artista, acho que não tenho essa obsessão artística, mas

em questão de qualidade de vida, em questão de repassar algumas coisas pras crianças eu me sinto muito confortável e que eu aprendi eu sempre busco me aperfeiçoar nessa questão. Sem contar que também, atividade física pra mim eu acho que é bem importante, então eu acredito que passar isso pras crianças é muito bom, então, é... esse foi, eu acho que o início e essa caminhada eu acho que a gente nunca tem que parar de buscar melhorar nessa questão. A gente está em constante melhora, sempre.

Pesquisadora: Você atua em outras áreas relacionadas ao circo?

Participante: É... como assim?!

Pesquisadora: Fora as aulas... Você apresenta como artista? Ou faz alguma outra coisa nas outras áreas.

Participante: É, fora as aulas, eu fico responsável né, aqui no circo da vida na parte administrativa que é o que mais me interessa, o que mais me move em si né, é... ficar junto com o Daniel, a gente está como responsável e... e na parte por fora que reflete o circo não, somente isso né. As aulas, quando, é, tenho que dar aula aqui mesmo ou no mundo do circo né, eu dou as aulas lá, mas na parte administrativa eu sou o segundo responsável da instituição.

Pesquisadora: Você toma mais conta da parte administrativa do que dá aula?

Participante: Isso!! Hoje em dia eu acho que, aqui no circo da vida é 98% administrativa, e só se faltar algum professor ou dar uma mão ali.

Pesquisadora: Enquanto apresentação, artista também.. você não é?

Participante: Eu não me considero artista...Mas se precisar de ir eu vou... Eu já fiz Clown, já participei de aberturas, encerramentos onde tem vários artistas no palco... Então, eu acho que, eu não tenho medo de fazer, mas, não é uma coisa que... nossa "Deixa que eu faço".. Se precisar...

Pesquisadora: Não é a sua principal atuação

Participante: É... realmente, sinceramente não é a minha principal

Pesquisadora: Qual o seu envolvimento com o circo antes de atuar no Projeto?

Participante: Como plateia.. .Só de assistir... desde pequeno eu sempre fui em circo, meu pai sempre me levou. E... ia simplesmente com plateia, só assistir, não tinha nem conhecimento de nada. De, zero, de nada.

Pesquisadora: Só expectador...

Participante: é...

Pesquisadora: Por que surgiu o interesse de se tornar professor de circo num projeto social?

Participante: É... dentro, quando eu comecei a faculdade... é.. Embora a minha faculdade tinha um objeto mais empresarial, de multinacional, e da gente trabalhar nessas multinacionais na Colômbia, eu nunca concordei com grandes empresas. É.. uma das coisas que meu TCC foi no terceiro setor, e eu me apaixonei nesse... nesse tipo de público né, e acreditei que com o meu conhecimento, com o que eu tinha, com o que eu tinha adquirido eu poderia estar ajudando esse tipo de pessoas, ou o meu conhecimento poderia devolver para a sociedade. Numa grande empresa eu simplesmente o meu conhecimento ia encher o bolso de alguém. Então...(teor de risos) é... preferi sempre.. é.. ficar na, em empresas pequenas, onde tivesse muito contato face a face com as pessoas. E quando cheguei aqui, realmente fiz o teste de trabalhar numa instituição, numa ONG, e pra foi assim... me encontrei, e até agora eu acho que, não vou sair do terceiro setor por enquanto, não sei o que a vida tem pra mim né, mas eu achei que era muito interessante. E como falei no início, depois foi uma necessidade que foi se tornando uma coisa muito gostosa de ter esse contato... que ... Professor de instituição ele é muito mais que um professor. Eu acho que ele vira, pode virar até pai de uma criança. É, tem muitas crianças que fazem algumas confissões que não fazem pra pai, eles te contam algumas coisas que não falaria pro pai, eles se tornam amigos. E a gente está aí, incentivando eles a não somente a subir num tecido ou jogar três bolinhas... isso foi o que mais me chamou atenção, e o que me envolveu e eu acho que o que eu posso fazer de melhor pra esse tipo de público.

Pesquisadora: Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no Projeto? Você já fez curso de formação específica para o ambiente do circo social?

Participante: Como assim essa pergunta?

Pesquisadora: primeira né.... Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha? Se existe uma metodologia que vocês seguem.... Se vocês escrevem o objetivo das aulas?

Participante: Ah Ta!!Aqui na instituição?

Pesquisadora: Isso

Participante: Nós, principalmente aqui na instituição pelo jeito que a gente trabalha, é, a gente segue um padrão de prefeitura né. Nós somos uma subvenção da Prefeitura, então eles colocaram um padrão de atendimento. Então nosso atendimento ele é padrão, os meninos chegam aqui tem um café da manhã, tem as aulas. A aula como tal, ela tem um início, que é uma divisão de turmas, e cada professor, pela diversidade de oficinas que nós temos, cada um, é, ele tem uma preparação individual, é, até porque a rotação é, de professores também é muita. Assim como eu tenho um professor hoje, posso ter um amanhã, e não pode ser de circo às vezes. Mas nós priorizamos que tenha professor de circo. Então sempre vai seguir uma linha de uma aula onde você vai mexer com o corpo né, tem o início com um aquecimento, um alongamento, passa o objetivo né, que dependendo do aparelho né, seja malabares, tecido, trapézio, o aparelho que for, e no final tem um, vamos dizer assim, um relaxamento... Uns 10 minutinhos, 5 minutinhos de alongamento para o aluno já se preparar para o intervalo e para uma

próxima aula. Também o horário bem, às vezes é muito corrido, e o professor também ele é livre, de às vezes, como é uma ONG, de trabalhar outras questões né, trabalhar organização, respeito, que não sejam tanto o aparelho ou o viés circense. Então assim é encaixar, enquadrar uma metodologia, nós não temos isso. Mas a gente segue um padrão né, vai mexer com o corpo, mas o professor ele também é bem, ele é livre.

Pesquisadora: Os professores se reúnem para conversar sobre as aulas e essas metodologias, ou geralmente não acontece?

Participante: Acontece essas reuniões, é, no início do ano. Acontece, vai acontecer umas três, quatro reuniões por ano né. Geralmente acontece, sempre... tem umas fixas que são no início do primeiro semestre e no início do segundo semestre, essas aí têm que acontecer. O resto a gente, é.... essas reuniões são muito claras na metodologia e muitas vezes não precisa passar aquelas extras. É, mas tem, tem. Muitas vezes as reuniões são individuais também, a gente só precisa acertar com algum professor alguma questão, chamar ele pra conversar. E por ser uma coisa que a gente está sempre vendo, a gente está em constante avaliação, tanto de alunos quanto de professores.

Pesquisadora: E você já fez curso de formação específica para o ambiente do circo social? Você já fez algum curso profissionalizando que trata dessa temática? Que traz o circo social, que fala sobre a metodologia do circo social?

Participante: Profissional.... Tipo assim, de faculdade ou...

Pesquisadora: Não... às vezes... por exemplo...

Participante: Curso?

Pesquisadora: Isso! Tem por exemplo... Lá em Campinas agora está tendo, teve a semana da FEF, e quem trabalha com circo social vai lá e dá uma palestra, dá um curso falando sobre isso no Brasil... Entendeu?

Participante: Bom, é.... a gente teve... teve uns treinamentos, e algumas, tipo uns workshops pra professores, sobre algumas metodologias e as pessoas que vieram e trabalhavam em circo social. Então a gente, mais que um curso profissionalizante, foi uma troca de experiência. Mas tem, tem essa conversa sim. Não como alguma coisa assim “Noo, isso aqui ó.... Circo social, vamos trabalhar isso, isso e isso”. Trabalhamos metodologias e a gente troca experiências e...., mas, nós sentimos realmente, principalmente eu sinto essa grande falta, é.... até porque, eu que estou aqui dentro, nos números, no não sei o que, às vezes a gente sabe que esse aqui além de uma ONG assim que ajuda, é uma empresa, e tem que ser considerada com tal. Mas, esse pensamento precisa sair aqui do escritório e passar até para a cabeça do professor... E esses cursos a gente sente falta... principalmente eu sinto alguma falta, é, de estar fazendo e de estar passando para os meus colaboradores também. Então é, eu acho que é uma, acredito que tem pessoas que, que tem público pra isso e, e mas, tem demanda mas não tem a oferta, ou tem pouca também, ou a gente não conhece. Também, é outra visão.

Pesquisadora: Qual os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?

Participante: Bom! Nós temos percebido que tem três questões que a gente fica martelando todo dia, por mais que pareça chato a gente fica martelando, que é a questão da organização, respeito e disciplina. É.... pelo que nós percebemos essas três coisas lá fora estão se perdendo, e.... cabe a nós tomar essa responsabilidade e não largar mais, porque eu acho que todo mundo está terceirizando a educação, acredito que, não sei se todos, mas poucos professores a gente vê que, de escola mesmo não estão mais nem aí para o aluno, então nós batemos muito na tecla organização, disciplina e o respeito. Eu acho que isso aí a gente martelando na cabeça do aluno a gente consegue um bom resultado. É.... e dentro dessa questão aparece outra questão que é o acompanhamento. Por mais que a gente martele, por mais que a gente fique chato falando sempre, cada criança é uma criança, cada família é uma família, e.... e a gente tem que começar a entender isso. Mas pra isso a gente precisamos de um, uma equipe de trabalho maior, e profissional. Eu não sou psicólogos, não sou do trabalho social, então já tivemos várias visitas né... Unitri veio, UFU veio, e a conversa que a gente tem, o feedback é uma coisa assim, é outro, são outros olhos e a gente consegue ter um panorama mais amplo da situação.

Pesquisadora: Você falou sobre disciplina, respeito e organização. Como que vocês fazem para trabalhar isso durante as aulas?

Participante: Bom... é.... O respeito a gente sempre tenta incentivar ele com, com a posição do professor, a posição que o aluno deve ter com o professor. Uma atitude de escuta, de conversar com o professor, e principalmente com o colega, né, em todas as questões né. É preconceito até pedir um favor. Então a gente, hoje em dia você vê muita coisa aí né, um ofendendo o outro. Isso também não é.... também acontece né, mas isso aí a gente bate muito na tecla, respeito entre os homens e mulheres, né, e o de aluno e professor. Organização, é.... aparelhos, questão de usou, deixa no lugar, as roupas, e a disciplina é.... é pra fazer aula vamos fazer aula, é, a gente tem marcado muito a questão ó, deu uma e meia vai todo mundo aqui, vamos dividir... tipo meio que, é... dar pra eles, como q chama... padrões?(Pesquisadora: Padronizar...) é... “Pessoal vai começar a aula todo mundo aqui, vamos dividir, vai para o seu canto cada um”, e sempre manter a mesma (Pesquisadora: rotina...) a mesma rotina sempre. Então acho que é o que vai deixar eles mais encaixadinhos, tem que... e na medida do possível também às vezes dar liberdade um pouco, que não é tudo sempre (Pesquisadora: rígido...) justamente... eles querem arte né, então tem que deixar a cabeça um pouco mais liberada.

Pesquisadora: Essas intervenções que você falou que teve de outros lugares foram pessoas da psicologia que vieram?

Participante: Foram... foi muito interessante, mas foi só alguns horários

Pesquisadora: Eles ficaram aqui um tempo e depois

Participante: Isso!! Eles, tiveram dois... teve uma semana da, uma turma da Unitri que a cada dia vinha cinco pessoas, tipo estudantes, e traziam alguma, outro tipo de atividade, então, durante uma hora e meia eles faziam outra atividade que não fosse circo, então tinha jogo da memória, tinha outras questões, é.... essa foi uma coisa que eles adoraram muito. Agora a outra turma, que foi da UFU, ela já veio fazer um trabalho mais de pesquisa e de observação. Separou uma turma de alunos previamente já, é.... escolhidos por nós que tivesse algum tipo de problema, ou dificuldade de relacionamento, é, que não tivesse às vezes o respeito, essas coisas, e o resultado, o feedback foi fantástico. E a gente começou a olhar o aluno com outra...outro....

Pesquisadora: Isso não abre a possibilidade de vocês fazerem uma parceria com os cursos, às vezes, de ter pessoas da psicologia trabalhando aqui com vocês?

Participante: Essa.... Não... tipo assim, seria como voluntário né... a gente sempre pensa. Só que a gente também pensa muito assim, de valorizar e remunerar.

Pesquisadora: Mas enquanto a pessoa está dentro da universidade é obrigatório esse estágio nessa área.

Participante: Isso, isso aí, bom a gente pensa bastante. Só que assim, às vezes a gente fica assim “será que a gente mexe com isso?” Embora o resultado tenha sido muito bom, só que vai... não sei, a gente nunca teve a experiência também. Então a gente fica sempre com um pé atrás de... “como é que vai ser essa pessoa aqui, será que ela vai, nossa... mais um pra encaixar, pra tirar”. E nós estávamos sem espaço, né, você que conheceu aquele outro espaço a diferença é bem grande né, então agora a gente, tem até uma sala aqui que a gente deixou pra atendimento. E ali é onde a gente senta, conversa se tiver algum problema, é ali, então essa questão agora ela pode vir mais, a realmente sair do papel e acontecer. Porque outras vezes a gente pensou, empolgado “vamos fazer”, mas aí onde que a gente vai fazer esse atendimento?! Os meninos não precisam estar só com a pessoa? Como é que ela vai olhar? Com é que?! Não, vamos mexer com isso não. Agora pode ir pra frente. Realmente agora pode ser uma, um bom ponto pra gente discutir pro ano que vem.

Pesquisadora: Eu pergunto porque a gente que trabalha com circo social sabe que o circo social não é só isso né. Que existe várias coisas outras por trás do sujeito que participa das aulas né. E às vezes eu não sei vocês, mas eu não tenho a capacidade psicológica mesmo para compreender certas coisas que acontecem que seria uma visão diferente de quem trabalha com esse tipo de coisa né.

Pesquisadora: Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?

Participante: É.... aluno-professor, eu... assim... vai, eu acho que ultrapassa os limites sabe?! Na questão de, da gente saber quem a gente está tendo do lado né, como colaborador, como professor, e.... não tem esse relacionamento só nós “aqui é o meu professor”, eu acho que se a gente perguntar os meninos veem como um amigo, é.... mas com muito respeito também, e.... essa relação é assim, é de, eu consigo enxergar de total entrega do professor na hora da aula com o aluno, de querer é, desenvolver tudo

aquilo que o aluno precisa, tanto na parte física né, da habilidade circense ou da atividade que for, como na parte é, não sei, sentimental vamos falar assim. É.... nós tivemos um grande acerto que foi a Jenifer, você viu ela entrando aqui. É.... ela é uma mãezona pra aqui, mas ela não dá aula. Mas não tem pessoal que saiba mais segredo das meninas que ela, nem professor que tem esse relacionamento assim. Então assim, a gente vê entre aluno-professor é, uma parceria muito grande. Parceria no sentido de, de relacionamento bem íntimo e de respeito também... de respeito. E.... aluno-aluno, poxa... a maioria é coleguinha de escola, do bairro, então a gente consegue ver que muitos aqui “ah, eu quero fazer com meu amigo” então o relacionamento deles é de amizade mesmo, é, eles não quer que um mude de turma, quando alguém deixa de castigo alguém ele quer ir de castigo junto, é desse tipo... então assim, um quer ajudar o outro, e.... uma das coisas que a gente tenta incentivar, principalmente os maiores, é que eles além de serem exemplo eles sejam ajudadores para aquela turminha que está começando que, que eles puxem também “nó, vem cá pra eu te ensinar, assim é melhor, e tal” isso mais na parte da tarde. Agora de manhã é tudo criancinha, os menininhos brincando.... Um relacionamento mais de... o nosso objetivo eu acho que ele se cumpre na questão de ser, é fortalecimento de vínculos.

Pesquisadora: Quando tem algum conflito entre aluno-professor ou aluno-aluno como que vocês fazem?

Participante: Bom... é.... as aulas, elas são obrigatórias. Mesmo o aluno não gostando do professor a gente entende que aquela aula tá ali pra potencializar alguma habilidade do aluno, e ela vai funcionar pra potencializar também alguma outra atividade que vai vir mais pra frente. A gente não pensa nas atividades à toa... “ah não, vamos colocar isso aqui... vamos colocar artes... ah vamos colocar qualquer coisa agora”... cada um tem um objetivo que complementa outro. Então a gente vai “o que está acontecendo” vai conversa com o aluno, muitas vezes o aluno faz cara para o professor “ah não ele é chato” “Porque?” “Não, mas você tem que entender que essa aula é assim, assim, assim, assado” e vai, e explica pra ele. Muitas vezes ele não sabe né, aí ele já “aah, não tudo bem vou fazer” aí eles já começam a ver outra questão. E.... quando tem um conflito entre alunos, o nosso sistema é, de primeira é a conversa, e dependendo do conflito se teve alguma agressão, algum machucou o outro mesmo sem querer nós temos um sistema de advertência, que a gente chama o pai, para o pai ficar sabendo, se teve algum machucado, ralou, “aqui ó, ele ralou porque aconteceu isso”. Porque pai chega o menino machucado em casa ele não “lá eles machucaram meu filho”, “ah não, não é assim” é, mas, a resolução de conflitos, é, chama as duas partes né, entre alunos, e o professor da turminha tem toda a liberdade de tomar uma decisão é, e autonomia de “ não, vou te dar uma advertência” ou “não, fica de castigo”, já quando é alguma coisa maior ele já vem pra cá né, e chama o pai, conversa com o pai. Já teve a questão de agressão é, preconceito né, chamar de... é uma menina negra chamar ela...”ah tem cabelo de teia de aranha” esse tipo de coisa né. Chama o pai, “o que está acontecendo” “porque que o seu filho disse isso”. E o pai até toma um susto, fala “não, mas em casa nem... a gente”, mas, sempre há conversa.

Pesquisadora: Sempre tem conversa com os envolvidos?

Participante: Acho que é o principal né, o primeiro a se fazer. E assim entende e ali já parte para o sistema de advertência que a gente temos aqui. Funciona (risos), funciona muito bem.

Pesquisadora: Essa advertência eles ficam sem fazer aula? Como que funciona?

Participante: Não! A advertência, ela é uma advertência escrita. A gente coloca é, o que aconteceu, assina, chama o pai, o pai lê, assina, já está ciente. Se juntar três advertências ele é suspenso uma semana do circo. Se ele voltar nessa semana ele tomar mais uma advertência infelizmente ele passa para a lista de espera, no final. Ele vai ser chamado de novo quando tiver uma vaga.

Pesquisadora: E já aconteceu?

Participante: Aconteceu só a suspensão. Só uma vez. Eu falo que essa advertência tem sido muito boa. Porque? Porque quem faz uma vez não faz nem a segunda nem a terceira. Um menino que fez as três vezes e levou uma suspensão, é, pouco tempo atrás nós ficamos sabendo de uma situação muito delicada na casa dele, e a gente começou já a ver com outro olhar das reações dele com os alunos, das atitudes dele com o professor. Então a gente já está levando ele assim, com outro olhar. Então ele foi suspenso, e.... a gente está levando assim... Nós preferimos ele esteja aqui do que em casa. Então por isso a gente não vai desligar ele, não vai mandar ele mais pra casa de suspensão, porque a situação é muito complicada.

Pesquisadora: É, geralmente o reflexo da criança aqui e do que ela tem em casa né. Você consegue identificar mudanças de comportamento nos alunos no decorrer das aulas?

Participante: Total!! Totalmente... é.... isso é.... Isso é visível, tanto, uma das coisas que eu penso é que a nossa instituição, o nosso tipo de trabalho, é, circo social por exemplo a gente entrega, vamos falar assim, a gente entrega o resultado para alguém. É que chega alguém, sem saber o que que é circo, sem saber o que são três bolinhas e passa dois, três meses e já sobe sem nó, já faz não sei o quê, faz isso aqui, joga três bolinhas, joga um jabolô, joga umas claves, e.... então o resultado é visível. E além disso quando ele desenvolve essas habilidades, ele vai desenvolver, disciplina, organização, e.... constância? É, constância, é.... ele persiste ali, continua né. E hoje em dia nós temos, há possibilidade de empregar alguns alunos em outras entidades né. Por exemplo, no mundo do circo tem um estagiário que é um menino que começou aqui no circo da vida quando ele tinha 12 anos, hoje em dia ele tem 17 anos e está de estagiário, é, no mundo do circo, por exemplo, na parte administrativa e como monitor de festa, se profissionalizando na parte de recreação, a gente está dando uma oportunidade porque, o que viu aqui, foi que, o menino evoluiu, era prestativo, colaborador, proativo, e foram coisas que, por decisão da pessoa também, mas aqui foram potencializados. A gente não pode perder isso, e a gente sempre tenta que, que acontece isso com os outros também, que seja de exemplo. E sempre vai ter oportunidade para quem é bom, quem se está se esforçando, estamos de olho, vamos chamar pra, a gente pode contar com você. Acho que é muito visível.

Pesquisadora: Mudança de comportamento de quem era agressivo e melhorou, de quem era agitado, vocês têm essas...

Participante: É.... (?) muda, sim. Igual eu te falei, geralmente, aqueles que são mais custosos, que tem alguma questão de agressividade e tal é porque em casa a situação

tá... não está fácil, mas ele, esse tipo de aluno encontra que o circo é um ponto de fuga, né, seja aqui sentado conversando com alguém, mas ele acha que aqui nesse lugar ele se sente seguro. Mas a gente tem, tem percebido algumas mudanças sim, é, não vou te mentir pra você, não é nos cem por cento dos que vem com alguma questão, mas sim ao longo do tempo a gente vê, vê melhoras, mas também cabe no relacionamento entre o aluno-aluno, que o aluno que está de boa, que ele se controla, que ele faz bagunça por querer ajudar o outro que faz bagunça porque ali é a única forma que ele tem pra se expressar então diz assim “ou, vamos ajudar... não mexe com ele não, fica na sua ai, faz a sua aula, deixa ele ai que ele está melhorando” e a gente sempre, eu, pessoalmente muitas vezes chamo aqui no canto falo assim ó “gostei de hoje, hoje você se comportou.... Parabéns.... Continue assim... posso contar com você?” “Não, pode”, a gente vai incentivando e vai percebendo. É também a gente percebe que está todo dia aqui né, dá pra perceber sim.

Pesquisadora: Qual a relação dos pais ou responsáveis com o projeto?

Participante: (Risos) É.... eu acredito que trinta por cento dos pais tem compromisso. Eles têm que entender a parte que eu tomei pra mim. Eu não atendo uma criança, eu atendo uma família. Então, nós sempre estamos abertos a esse atendimento não somente da criança, mas sim da família, é.... mas tem sido pouco, tipo assim, a gente repassa isso pra eles, abre as portas do circo, é.... abre as portas até do coração também pra ouvir (risos) já chorei junto aqui, mas tem pai que, tem pais que nó, “vou ajudar” tem compromisso sim, de se preocupar, de perguntar como é que está o filho, de perguntar o que a gente precisa também, as vezes nas necessidades, mas tem outros que, que realmente, e é a maioria, infelizmente é a maioria é.... E a gente vê zero de satisfação de meu filho não vem uma semana, pronto, volta na outra. Porque que não “ah, esqueci”, então a gente é, cadê o compromisso da família com a gente, a gente tá preocupado que o seu filho não veio “ah, tava viajando” “ah, precisei levar tava trabalhando” então, mas a gente também não pode por causa disso negar a vaga do menino, então a gente só, vai levando. Infelizmente tem que continuar atendendo e prestando esse serviço para a comunidade é, e também é uma exigência da família estar aqui né, sempre. Mas a gente entende que tem que ter uma comunicação de, de mão dupla né, assim, vai e vem. Assim, nós que passamos pelas famílias, mas “e aí, vocês estão precisando de que” “como que está sendo” tem muito pai que fala assim “ou, me ajuda”, “não, e isso aí que a gente quer, nós vamos te ajudar”

Pesquisadora: Essa comunicação com a família é mais difícil de ter com vocês?

Participante: É, a gente manda informação, mas pra voltar.... poucos. Esse aí é difícil, mas....

Pesquisadora: Vocês já tiveram algum problema com alguma família, já aconteceu alguma coisa ou não, geralmente sempre foi tranquilo?

Participante: Problema em que sentido?

Pesquisadora: Às vezes da pessoa não trazer mais, de acontecer algum problema mesmo dentro da família e a criança sair.

Participante: os problemas (risos), é engraçado porque tudo mal-entendido. Eu acredito que pai da ouvido muito a criança e não, e não, por falta desse compromisso ela não tem o cuidado de “não, vou lá ver o que aconteceu” então a gente já vem aqui, você está aqui num dia normal e já vem pai (bate forte com a mão na mesa) “que que foi e não sei o que”, aí “não, pera aí” “e essa atitude assim” “o que que você precisa conversar”, já veio gente jogando uniforme na mesa, né, da ouvido muito a criança e não se preocupa pra saber o que está acontecendo, e sempre foi conversa de criança, um conversando com o outro, conversa de adolescente, que poderia ser resolvido na mesa, dando uma ligação, é, conversando, e... e assim, a gente trabalha com gente, nós somos gente, até, assim, coloco uma vez que teve uns pais que queriam fazer um abaixo assinado para me tirar do serviço, ir lá na prefeitura pra me tirar.... nem contratado da prefeitura eu sou, só porque um dia eu falei alguma coisa pra uma mãe e achou que eu tinha sido o mais grosso do mundo, e não gostou. Mas essa mãe nunca chegou a me falar isso, e já queria tirar as filhas, e outra já queria tirar outras filhas falei, “mas qual que é o nome das suas filhas” “ah mas eu não posso dizer” “então não posso tirar” né. Não, mas o que aconteceu, pode pedir, faço questão, vem aqui, vamos conversar. Veio e conversou, e ficou tudo na paz. Mas assim, “não, você me desculpa, e porque as vezes estava num dia.... você tem que me entender as vezes.... Vem aqui um dia pra ver também” Mas sempre foi bem resolvido, é.... eu acho que nós temos um feedback muito positivo por parte dos pais, e sempre tentamos levar que, o circo ele sempre está aberto. Nós não somos uma secretaria que fechada, “não quero falar com os pais, não quero falar com aluno” “nós tomamos as decisões e se vira”, não, a gente sempre abre, temos reunião de pais né, você participou uma vez, e.... sempre surge algumas dúvidas, nessa semana vira, sempre tem gente diferente perguntando, tal. Mas é muito bom... Sempre foi bem resolvido e o feedback tem sido positivo dos pais, nosso atendimento e como relacionamento também.

Pesquisadora: Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele.

Participante: É.... na minha vida realização profissional, acredito. É... . Decidi trabalhar no marketing social, como gestor cultural, como no terceiro setor. E é o que eu faço, então, até muita gente não acredita né.... Minha vó na Colômbia... “não, mas você está trabalhando no que você estudou” “vó, estou trabalhando e estou muito feliz” (risos) “não é porque, mas, esse negócio de circo” “não vó, é uma instituição, é uma ONG, funciona assim”, tem seu, seu, “é difícil também vó, não sou médico que salva vidas, mas também salvamos muitas vidas” É, então acho que, pra mim, pessoalmente, é uma realização profissional, eu me sinto muito bem, eu quero continuar, é, eu acho que o trabalho social ele é muito interessante, né, não quero ser mais uma peça de uma grande máquina, (risos) eu acho que não é minha praia, e.... dos que estão do meu lado, se eu estou bem eu acredito que é, a minha família estará bem, a minha esposa estará bem, e quem está do meu lado, os meus amigos estão bem também, acho que, eu estando conforme, e estando feliz com o que eu faço vou transmitir isso e.... e os outros aprendem também, que, eu acho que é...., eu sou um divulgador da arte circense de mudar o chip de muitos que estão por aí que pensam que, é só ficar de cabeça pra baixo, e né. Você rala bastante, e o artista tem que ser valorizado, tem que, tem que acreditar.

Pesquisadora: A importância para as crianças, para os professores que fazem parte da ONG. Como que você enxerga isso?

Participante: Este também é outro suspiro!! É.... tem de tudo né, eu acho que tem de tudo.... Tem aquele que, que tomou isso igual eu, é parte da minha vida. Tem outros que é necessidade ou um bico, né, e tem outros que estão experimentando, né. É... Mas graças a Deus nenhuma dessas, é.... como que fala... desses três tipos de professores, eles, eles graças a Deus eles chegam aqui eles têm esse compromisso, e uma responsabilidade muito grande com a instituição e com o aluno, tipo assim “ah não, eu vou só ficar aqui três meses pra dar aula”, mas são três meses que se o professor não volta mais os meninos choram, então, você vê assim “gente, mas que”

Pesquisadora: Vocês têm muita rotatividade de professores?

Participante: Nós tentamos que não, mas quase sempre no início do ano acontece que, que sempre vai embora um, a gente troca, é.... igual agora a Laís por exemplo estava grávida, teve que colocar outro professor. Tem uma outra que está com dois meses, grávida, eventualmente teve que trocar e colocar o outro. São coisas assim, de força maior sabe, a gente procura não porquê... porque além de ter essas questões a gente tem outro relacionamento que, que pode chegar a ser amizade, como de colega mesmo de trabalho de muitos anos, então a gente acredita e confia. Mas na eventualidade tem que trocar sim, e...., e sempre que alguém, a gente tiver vendo assim que pisou na bola, não está muito bem alguma coisa, algumas atitudes, a gente conversa e fala assim “ou, acho que é melhor, nós vamos trocar por outra pessoa assim, assim, assado”. Mas eu acho que cada ano sempre tem uma mudança de dois.... Sempre tem um professor novo, sempre tem, sempre tem.

Pesquisadora: E a importância para as crianças e a para a família?

Participante: Assim, muito positiva! É.... a gente até de pessoas que nem fazem aqui, a gente recebe umas ligações “nossa, vi seu projeto muito bom, parabéns e tal... tem uma colega da minha filha que está fazendo lá... e ela está encantada. E parabéns! ””ta, tudo bem brigado e tal” então assim, a gente vê que não é só essas famílias que falam com a gente, elas falam com os outros. E, querendo ou não, hoje em dia as redes sociais, a gente recebe várias mensagens, tanto no WhatsApp né, no privado, tanto no Facebook e Instagram a gente recebe algumas mensagens muito positivas. E no dia a dia né, a gente quando recebe alunos né “nó, ou, brigado viu, parabéns e tals” sempre tem encerramento no ano, os parabéns são sempre. E, é.... o comprometimento de algumas famílias que eu te falei que quase trinta, quarenta por cento, essas famílias nunca se cansam de falar parabéns, de estar agradecidos, de.... e preocupados com o desenvolvimento dos filhos né, então eu acho que é... é muito positivo e acho que outra coisa que a gente vê também muito é a alta procura... procura. ...procura... procura, nunca deixa de duas, três pessoas procurando para colocar o filho aqui... todo dia, de manhã e de tarde.

Pesquisadora: Tem lista de espera grande?

Participante: Hoje em dia não, porque como o espaço mudou, e aumentou, a lista de espera diminui, aí a gente deu..., mas sempre tem dez, quinze.

Pesquisadora: Gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi contemplada na entrevista?

Participante: Se for um dos objetivos da sua pesquisa, eu acho que a questão da profissionalização me incomodou um pouco. É.... as vezes a gente deixa passar pouco tempo, não tenho tempo, alguma coisa.... Mas, acredito que workshops, cursos rápidos, é...., eles têm que acontecer, e.... eu acho que o profissional tanto do esporte, como o profissional da psicologia, do trabalho social, eles podem desenvolver muito bem aqui, e.... e até a gente como, como responsável da ONG também está a procura também. Às vezes a gente só se preocupa com o dia a dia né, que né o principal também que não tem nem como parar, mas tem que ter. A profissionalização ela tem que existir, ela não pode parar. Não pode parar... E.... estar disposto a aceitar né (risos), estar disposto a aceitar o que, o desafio aí.

P4GN

Idade: 21

Sexo: Masculino

Tempo de atuação no projeto: 3 anos

Pesquisadora: Como começou a sua participação no projeto? Você foi educando do projeto?

Participante: Sim. Eu já fui educando. Entrei no projeto a convite de uma amiga minha, a Bruna. Ela tinha me convidado a participar primeiro do Dr Palhaço, que é fora do projeto de circo, e quando eu estava no Dr Palhaço eu me interessei e por isso eu me interessei mais pelo projeto e por conta disso eu também comecei a fazer as aulas de circo.

Pesquisadora: Você poderia comentar como foi a sua trajetória profissional até chegar ao projeto. Se você já trabalhou com alguma coisa de arte antes, ou não. Como que você trabalhou antes.

Participante: Não, o primeiro contato que eu tive com circo ou trabalho desse tipo foi no Guni.

Pesquisadora: E você trabalhou de alguma coisa antes? Teve alguma outra profissão?

Participante: Não.

Pesquisadora: Você atua em outras áreas relacionadas ao circo? Fora o circo social?

Participante: Então, é... fora as modalidades do circo eu, é, trabalhei só com palhaço também.

Pesquisadora: Em hospital?

Participante: Sim. É, visita de, com os palhaços nas UAIs aqui em Uberlândia.

Pesquisadora: Qual o seu envolvimento com o circo antes de atuar no projeto?

Participante: Então, é o que eu tinha comentado agora a pouco, eu não, foi a primeira vez q eu tive contato foi com o Guni.

Pesquisadora: Mas você nunca tinha ido nem em apresentação, circo de lona?

Participante: Ah, sim. Já tinha ido em apresentações. Eu já gostava de circo.

Pesquisadora: Mas nunca tinha surgido o interesse de fazer aula?

Participante: Não, não tinha me passado pela cabeça não.

Pesquisadora: Porque que surgiu o interesse de se tornar professor de circo em um projeto de circo social?

Participante: É, então. Primeiramente eu não tinha, eu, quando eu comecei a dar as aulas era mais, tipo, substituindo, ou é, alguma necessidade que tinha, e tava mais no começo. Então eu não tinha tanta, tanta uma visão assim. Acho que por conta de descobrir primeiro, que depois eu comecei a ter mais interesse, igual. É....

Pesquisadora: Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no projeto?

Participante: É, então. O professor nosso lá, o João, ele é da escola tradicional de circo. É, por conta disso, eu, aí tem uma metodologia bem direta. Ele, é, o professor é o detentor da verdade, ele fala e os alunos obedecem. De certa maneira meio rígida, e ele trabalha muito, com uma questão de disciplina nas aulas, e de respeito.

Pesquisadora: Mas você acha que não tem diálogo entre aluno-professor então? Ou tem?

Participante: Tem, é, tem o diálogo. O professor tem essa autoridade, mas é, tem muito uma questão de conversa, um feedback sobre o que você, quais são as suas dificuldades, é, os problemas, pra que, tanto o professor possa te ajudar melhor, e tem sempre algumas conversas com um envolvimento maior sobre, às vezes, nem coisas do, relacionadas a circo, uma comunicação maior, é aberto também de certa maneira, nessa, nessa...

Pesquisadora: Essas coisas fora o circo são relacionadas a que você fala? Que existe um diálogo entre professor-aluno?

Participante: É, falando mais intimamente, uma troca de ideias, sabe. Por exemplo, às vezes antes das aulas, antes de começar as aulas, a gente senta em uma roda e a gente simplesmente troca “Ah, como que foi a semana de vocês?”, Às vezes tem um momento assim. Sabe?! Um momento mais informal entre o professor e o aluno.

Pesquisadora: E isso acontece com muita frequência ou não? Essas conversas antes das aulas ou depois.

Participante: Acontece com uma boa frequência.

Pesquisadora: Você já fez curso de formação específica para o ambiente de circo social?

Participante: Não.

Pesquisadora: Seu primeiro contato foi lá mesmo?

Participante: Isso.

Pesquisadora: E dentro do projeto também não tem nenhum curso específico pra isso?

Participante: Não.

Pesquisadora: Quais os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?

Participante: Ah! É! Respeito, é disciplina, você saber trabalhar em equipe, perseverança, acho que... Acho que são, esse é mais forte.

Pesquisadora: Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?

Participante: Então, é, eu comentei um pouco disso agora na outra pergunta. Humm, nas, é, entre aluno e aluno, é, tem um clima interessante de você, tipo assim, de você sentir uma empatia sabe, muita empatia pelo outro, o seu colega, o seu amigo da equipe por que você sabe que ele tá passando as mesmas dificuldades e você as vezes se sente motivado a ajudar, sabe?! Então é um clima interessante de superação em equipe, um tentando ajudar o outro, é, é muito bom.

Pesquisadora: Essa questão da empatia você acha que faz alguma diferença dentro das aulas e dentro do desenvolvimento das aulas também?

Participante: Ah sim!! É um fator muito importante. Eu acho que é uma das coisas mais massas. Porque não é sempre que você essa, que se trabalha, é, essa questão da empatia sabe, é você se colocar no lugar do outro, eu acho que a gente não, não tem tanto isso no nosso cotidiano.

Pesquisadora: A empatia, você acha que proporciona o que de diferente na relação, no sentido de círculo mesmo, de vínculo, Você acha que faz alguma diferença em relação a isso?

Participante: No círculo?!

Pesquisadora: É assim, você acha que os alunos tem menos brigas, menos problemas nas aulas?

Participante: Ah sim!! É, conforme as aulas vão se passando, eu consigo, você consegue perceber uma melhora no convívio, sabe?! Porque muitas das coisas não depende só de você, então um vai estimulando o outro a melhorar, sabe?! E isso vai criando um ambiente bom, agradável.

Pesquisadora: Você consegue identificar mudanças de comportamentos nos alunos no decorrer das aulas? Quando eles começam e depois de um tempo que eles já estão fazendo?

Participante: Sim! Eu acredito que tudo isso, toda essa questão desse trabalho entre o professor-aluno, a interação entre os alunos, entre eles mesmos, melhora muito o convívio social, sabe, entre eles, e eu acredito que até fora do circo isso acontece também.

Pesquisadora: Você algum aluno específico que você lidou durante esse período de aula que você consegue pontuar as mudanças assim, que você percebeu diferença em relação a isso, durante as aulas. Que você teve um contato mais intenso, ou que ele mesmo apresentou mudanças no relacionamento dentro do grupo?

Participante: Sim! Tinha um aluno, se não me engano o nome dele era Paulo, ele, é, ele tinha pouco respeito sabe, entre os alunos, e era muito rebelde assim, com o professor. Conforme foi passando o tempo, é, você consegue, ele, foi melhorando isso muito nele, essa questão de respeito, que ele foi entendendo melhor um propósito e o meio foi ajudando.

Pesquisadora: Qual a relação dos pais ou responsáveis com o projeto?

Participante: Então, eu não sou, eu acho que eu não posso falar disso muito bem porque eu não tive muito contato, sabe, com pais assim.

Pesquisadora: Você não teve algum exemplo de algum pai que foi pra assistir alguma aula, e conversou com outro professor que você estava próximo.

Participante: Então, o meu professor João, ele comentou de, ham, de os pais comentarem sobre melhoras em casa, até, dos alunos.

Pesquisadora: Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele.

Participante: Então! É! Acho que desde que eu comecei a fazer parte do Guni, contando também como Dr Palhaço, me ajudou muito a melhorar as minhas relações. Abriu muito a minha visão. Eu, eu era muito fechado, e, e acredito que isso me ajudou muito a abrir a minha visão para esses valores, sabe, esse convívio, e não só em social, eu acho que dá mais disposição, porque principalmente pra mim é uma coisa que eu amo fazer, e de certa maneira isso me motiva e eu me sinto até mais disposto a fazer outras coisas, que melhoram por conta disso. É, meus pais também, é eles, eles

comentam, eles comentaram que eu também melhorei bastante, e eu acho que como eu, é, essa minha melhora foi acontecendo, as pessoas que eu convivia também, é, acho que também notaram uma diferença assim. Então acho que é isso aí.

Pesquisadora: Essas melhoras que você fala são referentes a que assim, você consegue especificar?

Participante: É, melhoras em, em me abrir sabe, não ficar com tanta insegurança pra falar sobre mim mesmo, sabe, me senti uma autoestima, eu tenho uma autoestima melhor, eu consigo conversar melhor, é, mais empatia, é, mais noção de respeito e disciplina, questões de gratidão e honra, Nesse sentido.

Pesquisadora: E para as outras pessoas que também são envolvidas? Os alunos, a própria entidade que você da aula, os outros professores que você convive. Como que você enxerga essa importância, assim?

Participante: A importância dos professores e dos...?

Pesquisadora: Do projeto na vida dessas outras pessoas também? A sua visão em relação a isso.

Participante: Ah, é, como que eu vejo a mudança na visão, tipo, pelos professores e esses outros alunos?!

Pesquisadora: É, você está no projeto a quanto tempo já?

Participante: Estou no projeto a mais ou menos uns 3 anos.

Pesquisadora: E aí durante esse processo você acompanhou de perto o desenvolvimento das pessoas também né, e o seu vínculo com essas pessoas, e aí, como que você lida essa importância nisso assim, você enxerga nas pessoas também alguma coisa diferente?

Participante: Sim, tem um, é eu fiz um amigo que ele também era, ele entrou no Dr Palhaço e foi para a escola de circo que a gente tem. É, ele tem uma vida muito corrida, e a questão do circo trabalhar, o dia que ele tem circo assim na vida dele, na semana dele fez muita diferença, tipo, ele sente mais disposto a fazer tudo, sabe, aí, nesse período agora, nesse ano que decorreu a gente só teve as aulas de circo no primeiro semestre, no segundo semestre não foi possível ter, aí como eu sou amigo dele eu fui vendo que ele foi se sentindo muito mais é, a pressão de tanta corrida na vida dele foi fazendo com que ele ficasse mais é, mais triste e sobrecarregado, sabe, é, bem notável isso. É e também, é isso aí.

Pesquisadora: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi contemplada na entrevista? Alguma experiência em específico que você teve, pontuada? Alguma coisa que você superou em relação, por causa do circo? Alguma coisa que foi muito importante pra você que eu não perguntei?

Participante: (Silêncio). Ah, tem muita coisa importante sim, mas eu acho que no geral eu falei tudo.

P5GN

Idade: 36

Sexo: Masculino

Tempo de atuação no projeto: Fundador e Criador do projeto

Pesquisadora: Quanto tempo faz que você já da aula em projeto social de circo?

Participante: Uns 15 anos.

Pesquisadora: Como começou a sua participação no projeto? Você foi educando do projeto?

Participante: Ah! A participação não sei muito bem como foi porque eu criei ele. E não, não fui educando do projeto.

Pesquisadora: Educando é se você deu aula no projeto..

Participante: Se eu recebi aula né?

Pesquisadora: Não... o contrário...

Participante: Educando... Fui educando do projeto... (risos)

Pesquisadora: Você poderia comentar como foi a sua trajetória profissional até chegar ao projeto?

Participante: Nossa (risos)...Tudo começou na minha adolescência quando eu visitava o circo, e o circo, ann.. o lugar onde o circo se instalava na cidade era em frente a casa dos meus pais. Então eu sempre relacionava com o pessoal do circo e trocava ideia, brincando na rua. Alguns iam dormir lá em casa nos dias de chuva, pra não dormir nas barracas e nem nas tendas deles, então eu levava pra dormir em casa. Então com esse movimento e a atração e o prazer com a arte circense em si fui crescendo até um dia eu decidi aprender um pouco mais e ai fui crescendo cada vez mais.

Pesquisadora: Você atua em outras áreas relacionadas ao circo, além do circo social?

Participante: Atuo. É... Não entendi muito bem a pergunta...

Pesquisadora: Se você além de ser professor, se você trabalha com outras coisas. Se você atua profissionalmente, igual, eu sei que você faz palhaço, e outras coisas nesse sentido...

Participante: Sim, faço parte de outro projeto também, que também acaba sendo de cunho social, que é o Dr Palhaço. Temos um projeto não tanto social, mas também

social, em Moçambique, na África, no qual também trabalhamos com circo, e dou aulas particulares, tudo quanto é.... Surge e também cubro alguns eventos.

Pesquisadora: Qual o seu envolvimento com o circo antes de atuar no projeto? Você já comentou um pouco disso, mas se você quiser falar mais alguma coisa pra acrescentar.

Participante: Ah, meu primeiro envolvimento com o circo sempre houve desde a minha adolescência como eu já falei né. Então com isso eu desconheço alguma outra espécie de envolvimento a não ser a integral, a treinos, a participações em espetáculos, a aulas, e ai vai.

Pesquisadora: Porque que surgiu o interesse de se tornar professor de circo em num projeto social?

Participante: Acredito que, que por cada vez mais a gente vê a carência da arte em si, a arte circense, foi uma época, em meados da década de 90, a arte circense ela deu uma decaída muito grande, e, e a gente entende que o circo, e a arte, toda arte em si ela tem que ser difundida. Então com isso, vendo a necessidade da arte em si e a necessidade da própria sociedade em ter algo de interativo, algo que chame a atenção das crianças, em vez de deixarem na rua, então decidi, optamos pra criar o projeto social que envolvesse o circo.

Pesquisadora: Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no projeto? Você já fez algum curso de formação específica pro ambiente de circo social?

Participante: Não, assim, com certeza. É..., o circo... o circo como braço de arte em si, como a arte em si, de se desenvolve dentro do picadeiro, dentro da lona de circo é uma coisa. O circo social é uma área, apesar de ser também de circo, mas é uma área completamente diferente, então, cada vez mais a gente tem que se capacitar pra essa arte em meio a sociedade.

Pesquisadora: Como que você trabalha a metodologia das aulas?

Participante: Deixa eu pensar aqui, perai... Porque cada ambiente tem que ter uma metodologia diferente. Então (risos), complica responder isso no geral... Ah, varia muito do público, com certeza... Mas no contexto em si geral, no contexto em si de cada situação, a gente sempre aplica alguns pontos básicos, que são é conhecimento do corpo, tudo começa com um aquecimento prévio pra não poder machucar, um alongamento adequado e ai se desenvolve a cada área da sua inicialização, tá é, iniciação de malabares, de malabares a gente passa pra acrobacias, de acrobacias aí a gente ganha um pouco mais de resistência pra acrobacias aéreas, aí já se torna um pouco mais complicado.

Pesquisadora: Quais os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?

Participante: Eu em si costumo muito focar a parte da confiança, porque o circo em si pra ele sair um trabalho de qualidade você tem que confiar no seu parceiro, no seu colega de treino. Então, confiança em si na sociedade que vivemos hoje é cada vez mais

raro. A sociedade prega que não precisamos confiar mais em ninguém, temos que confiar em nós mesmos e o mundo é nosso e acabou. Mas, entendemos que a confiança no outro, reflete a confiança em mim mesmo.

Pesquisadora: Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?

Participante: Nós, gostamos muito de acreditar e pregamos muito isso que quando se dá a aula em si no projeto não existe o professor e aluno. É claro que tem esse nível, mas acreditamos mais numa troca de conhecimento, no vínculo de amizade do que mesmo a sala de aula.

Pesquisadora: O ambiente ali proporciona muito diálogo também?

Participante: Tudo no circo tem que ter um bom diálogo, se não houver diálogo a arte não sai. Então, assim, tudo tem que ser muito bem conversado, muito bem explicado, porque cada um vê o mundo de uma forma diferente da outra.

Pesquisadora: Você consegue identificar mudanças de comportamentos nos alunos no decorrer das aulas?

Participante: Total! O circo, é, por causa desse convívio, eu acredito que se a gente muda o indivíduo a sociedade muda junto. Então, se não há essa mudança não há porque acontecer.

Pesquisadora: Você tem algum exemplo pontual, assim, de algum aluno que nesse seu processo de professor, é, teve algum acontecimento especial, que te marcou?

Participante: Fala da Jana, do medo de altura dela, ta bom...(risos)...

Pesquisadora: Também né!! Mas eu falo assim, em relação a família, o comportamento social do aluno?

Participante: Mas assim, eu gosto muito de falar de um rapaz que eu vou botar um apelido nele aqui, o Bob. O Bob ele era muito, muito temido num bairro em si, porque ele era um garoto levado, um garoto que já tinha muitas passagens pela polícia, então, um certo, um certo instrutor desse garoto resolveu colocar ele nas nossas aulas, e assim, ele era um menino muto rebelde, ninguém confiava nele, ele também não confiava em ninguém. È, mas graças a Deus, no final do projeto a gente pode ver a mudança dele, não só em torno do próprio ambiente de aula, mas também na própria sociedade começou a enxergar aquele garoto de uma forma diferente. Era um menino mais calmo, um menino que respeitava as pessoas, um menino que deixou alguns costumes que não eram muito legal pra ele, na época, e hoje a gente pode dizer que ele mudou muito, uma criança, um adolescente bem mudado, no seu contexto social e pessoal.

Pesquisadora: Qual a relação dos pais ou dos responsáveis com o projeto?

Participante: Olha! A família em si ela é um fundamento básico pra criança que faz parte do projeto, porque a aula de circo é uma aula bem difícil, ela costuma doer, machuca em algumas coisas, e se não houver um incentivo da família fica um pouco até difícil de trabalhar. Então o convívio deles são muito importantes nessa área.

Pesquisadora: Você já teve algum problema ou algum feedback de algum pai que veio falar alguma coisa pra vocês, agradece ou comentar alguma coisa sobre o filho?

Participante: Ah, demais!! Na verdade assim, graças a Deus de reclamar, até agora ninguém reclamou, não pra gente... (risos), mas assim, é... a uma menina, uma mocinha que faz aula conosco, assim, os pais dela estão super presentes, eles agradecem muito a participação dela, porque ela se tornou uma criança mais calma, uma criança mais, com um raciocínio mais rápido, mais esperta no pensar, desenvolveu na escola, em casa. Isso pra gente já valeu a pena, muito a pena.

Pesquisadora: Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele, professores, alunos, família?

Participante: Ah! Eu costumo falar da relação do projeto na minha vida, eu costumo falar que ele é o retrato da minha vida em si. O projeto é o resumo em papel da minha vida. Então, mexeu com o projeto mexeu com a minha vida!! (risos) Mas assim, o projeto ele, ele foi gerado em nosso coração num tempo muito, muito ímpar, num tempo muito especial que a gente tava vivendo, então assim, isso reflete o projeto pra nós. Eu sempre falo pra galera que trabalha comigo e que anda com a gente que o projeto não é o papel, o projeto sou eu. O projeto é, é a união do conhecimento das artes em si e a união é, do relacionamento entre cada artista. E é isso, esse é o projeto, não o papel.

Pesquisadora: Da importância que você para as pessoas que são envolvidas, os professores que ajudam nas aulas, as entidades né, que fazem parte do projeto?

Participante: A importância deles?!

Pesquisadora: É, como que você entende?

Participante: Deles pro projeto?

Pesquisadora: E do projeto pra eles também.

Participante: Acredito que nenhum membro em si do projeto não tenha o seu real valor. Cada um tem a sua particularidade, seu valor individual, e que... eu não costumo falar do modo individual, porque senão complica um pouquinho pra gente, a gente pode acabar esquecendo de um ou outro. Mas no geral em si, é o projeto não funcionaria sem eles, o projeto é parte integral de cada um assim como é meu, assim como faz parte de mim. O projeto não sou, como eu já falei antes, não sou eu, o projeto é a união de tudo isso junto. Juntou tudo isso dá o projeto, sem, perdeu um é como perder a perna da mesa, ela sempre vai ficar um pouquinho manca.

Pesquisadora: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi contemplada na entrevista? Alguma experiência que você teve? Alguma coisa sobre o projeto em si?

Participante: Conheçam o projeto Moçambique. Ele fala um pouquinho melhor da nossa história. Ele é um retrato mais aberto, mais explícito do que de fato é o projeto Guni em si.

P6GN

Idade: 22

Sexo: Feminino

Tempo de atuação no projeto: 3 anos

Pesquisadora: Como começou a sua participação no projeto?

Participante Lírio: Eu trabalhava com palhaço em Itumbiara, e quando eu mudei para Uberlândia eu fui procurar algum grupo que trabalhava com o palhaço, aí eu achei o projeto GUNI. Até então eu nunca tinha trabalhado com essas outras vertentes do circo. E aí eu mandei um e-mail para a coordenadora do projeto sobre as visitas de palhaço. E aí começamos a conversar e ela contou que tinha o circo e eu comecei a fazer as aulas e conforme foi desenvolvendo e tal eu comecei a dar as aulas também.

Pesquisadora: Você já trabalhava com palhaço antes então?

Participante: Com palhaço eu já trabalhava tinha dois anos

Pesquisadora: Em outra cidade?

Participante: Isso. Com palhaço tem cinco anos que eu trabalho.

Pesquisadora: Em hospital também?

Participante: Em hospital.

Pesquisadora: Você foi educando/a do Projeto?

Participante: Sim. Durante todo esse tempo sempre foi tanto eu sendo aluna e sendo professora de acordo com o local. Então eu continuo sendo aluna do projeto e dou a aula para outros alunos que são iniciantes, iniciando.

Pesquisadora: Poderia comentar como foi sua trajetória profissional até chegar ao Projeto?

Participante: Então, quando eu iniciei (eu faço graduação) e o meu processo antes foi só graduação e palhaço, e aí eu já entrei no circo. Não tive nada antes não.

Pesquisadora: Você atua em outras áreas relacionadas ao circo, além do palhaço?

Participante: Não. O palhaço e as vertentes de tecido e tal.

Pesquisadora: Com os aparelhos também?

Participante: Com os aparelhos. Com os aparelhos também.

Pesquisadora: Duos, acrobacias?

Participante: Sim, sim. No circo então nós fazemos: os aparelhos aéreos, é... as apresentações de duo, também com o palhaço não só no hospital mas nós vamos com o palhaço em apresentações circenses, em escolas. Normalmente nós vamos muito em escolas, praças.

Pesquisadora: Qual o seu envolvimento com o circo antes de atuar no Projeto?

Participante: Eu sempre gostei de circo, só que eu tinha muito medo do palhaço do circo (risadas). E normalmente eles eram muito agressivos, ou caçoavam demais. Mas nas outras vertentes do circo eu sempre fui apaixonada, inclusive teve uma época da minha vida que eu planejava fugir com o circo, mas deu muito ruim, graças a Deus (risadas). E aí é isso. E quando eu tive essa oportunidade, foi um momento de eu tentar desconstruir essa ideia do palhaço e de entender de fato toda essa magia que acerca, que circunda, que envolve o circo.

Pesquisadora: Por que surgiu o interesse de se tornar professor de circo num projeto social?

Participante: Porque quando eu estava como aluna eu pude ver a mudança social em mim. Eu pude ver quanto eu mudei com o circo, e com os meus colegas que estavam também tendo aula estavam mudando. Então e percebi que eu queria isso de fato pra minha vida. E aí com as oportunidades eu falei assim “ah, eu quero poder dividir, quero poder ser agente de mudança social também” e aí foi aí que eu decidi.

Pesquisadora: Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no Projeto?

Participante: Método de aula?

Pesquisadora: É.

Participante: O circo em si ele exige muita disciplina. Então normalmente nós temos toda uma conversa com esses alunos, é... explicando a teoria do circo. A teoria do circo que eu digo a questão dos princípios básicos. Eles precisam ter disciplina, precisam ter silêncio, eles precisam aprender a escutar, e aí com isso a gente vai aliando a teoria do aparelho com a prática. Então, por exemplo, nós vamos fazer uma aula de tecido. No momento que eu vou explicar a teoria, explico um pouquinho antes, mas eles já tem a prática. Então seria uma teoria-prática aliada.

Pesquisadora: Mas aí como que funciona a estrutura? Tem um aquecimento?

Participante: Sim. Isto.

Pesquisadora: Vocês seguem algum tipo de processo até a pessoa chegar no aparelho?

Participante: Sim. Nós temos o processo. Nós fazemos a conversa, o aquecimento, o alongamento, e aí vamos para as aulas de fato, e terminamos com um alongamento para evitar que a pessoa fique com dor o resto do dia.

Pesquisadora: Você já fez curso de formação específica para o ambiente do circo social?

Participante: Com o meu professor que é o do projeto. Ele sempre deu a aula. Quando ele falou que ia precisar, que realmente eu fosse professora do projeto ele começou a ter aulas mais intensivas comigo. E quando eu comecei dando aula eu sempre ia com ele antes. Nós fomos um com tempo juntos, onde ele foi explicando isso. Com outros grupos sociais eu ainda não tive oportunidade de ter esse investimento assim.

Pesquisadora: Dentro da metodologia, alguma vez vocês já trabalharam com alguma metodologia mais lúdica? Ou alguma coisa sempre bem direcionada? No sentido de alguma brincadeira?

Participante: Ah!! Sim!! Normalmente nós trabalhamos, porque principalmente crianças até os 12 anos e também adolescentes, se você fica muito massante eles acabam perdendo o gosto de realmente o que é o circo. Então nós costumamos sim, só que nós tentamos fazer tipo, uma vez a cada dois meses, algo assim, pra que também não fuja e que também não pense que “ah, é só isso”. Mas a gente faz sim, normalmente essas brincadeiras. Algo que eles possam se divertir mais se reportar ao que eles estavam aprendendo durante as aulas. E até mesmo incentiva eles a aprenderem, porque eles começam a ver essas brincadeiras, ou começam até, isso é outra vertente que nós costumamos puxar, em relação a ver apresentações de pessoas próximas. Por exemplo: às vezes os professores apresentam alguma coisa, principalmente para adolescente, e que nós percebemos que tem de fato uma possibilidade maior, para eles realmente se instigarem, aí eles começam a pensar “Nossa, tem isso” (entonação de entusiasmo na voz), por que às vezes eles ficam pensando “Nossa, era só isso, eu já aprendi isso, e agora o que é que eu faço, acabou tudo o que eu tenho pra aprender” (entonação de desânimo na voz). Então é até uma forma de mostrar pra criança e para o adolescente que sempre eles vão ter alguma coisa pra aprender, nunca ele vai ter o conhecimento completo.

Pesquisadora: Possibilidade dele ampliar o que ele sabe?

Participante: Exato!

Pesquisadora: Qual os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?

Participante: Você fala a questão, por exemplo, de respeito, ... Essas coisas assim?

Pesquisadora: Isso

Participante: Ah!! Pra mim eu acredito muito como instrumento de mudança. Então eu acredito em transformação completa, assim para a arte, sabe?! Questão do respeito, questão de empoderamento próprio, questão de entender que ele é muitas vezes nós, acho que tem outra pergunta que é sobre isso, mas muitas vezes nós encontramos pessoas que estão sem nenhuma perspectiva, e aí elas conseguem perceber “nossa, eu não sou tão ruim” “nossa eu realmente tenho que respeitar o próximo” “nossa eu realmente preciso respeitar a minha mãe” “nossa, realmente eu tenho possibilidade de ter alguma coisa” e tal, é... eu esqueci os outros valores.

Pesquisadora: Valores familiares, valores de amizades, hierarquia?

Participante: Isso! Exatamente!

Pesquisadora: Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?

Participante: Eu particularmente gosto muito de como acontece dentro do projeto. Claro que tem as suas dificuldades, mas em qualquer organização que tenha pessoas vai ter dificuldades. Mas a relação, por exemplo, de um aluno explicar para o outro aluno eu acho muito interessante, e como o nosso professor, nós professores né, eles estão sempre muito perto. Então eles conhecem às nossas dificuldades, sabem até onde nós podemos ir naquele momento. E o que eu acho mais interessante é essa troca, porque muitas vezes o próprio aluno troca com o professor, não só o professor consegue explicar para o aluno. Às vezes o aluno tem uma facilidade maior em algo que pode ser aliado com a técnica circense, e aí o professor também ganha nessa troca. Então eu acho muito bacana como acontece dentro do projeto.

Pesquisadora: Você identifica a criação de laços dentro do projeto?

Participante: Sim!! Com certeza!! Vínculos extremamente firmes, fortes. E... eu acho que entre todo mundo que está no projeto, além de amar o circo, vê uma família, que na verdade nós trabalhamos muito isso, a questão da trupe, e fica tudo além de você amar o circo você faz com prazer porque você está com quem você gosta, com quem te faz bem, com quem você cresce junto. E aí você percebe que os valores sociais e as melhoras não é só pra quem nós que estamos dando a aula lá, é.. no ambiente social mas (no ambiente social que eu digo vulnerável), mas entre nós mesmos. Isso é melhorado em nós como seres humanos.

Pesquisadora: Você consegue identificar mudanças de comportamento nos alunos no decorrer das aulas?

Participante: Nitidamente!! Nitidamente!! Tem alunos que no primeiro dia de aula fazia de tudo, ou pra atrapalhar em termos de conversa, de gritaria, de bater no outro, ou de extremamente silencioso a ponto de não levantar para um aquecimento. E aí com o decorrer do tempo, é claro que com muito jogo de cintura, é... lembrando que cada pessoa é um ser único, então tem que ser tratado de forma diferente, não tem como eu tratar todo mundo igual, se não existe ninguém igual. Mas, levando em consideração isso, levando em consideração também que nós estamos em eterna construção, então às vezes nós não vamos saber como lidar com aquele aluno, mas nós descobrimos juntos,

tem situações que me, que quando eu penso às vezes “ah, tá tão difícil o circo”, o circo social que me faz continuar. Que você vê alunos que não respeitavam ninguém, de repente chegando no local da aula e falando boa tarde pra diretora, falando bom dia, agradecendo pelo lanche. E aí você vê os pais agradecendo por isso. Então é algo extremamente assim, é gratificante!

Pesquisadora: Tem algum exemplo mais pontual que te marcou dentro das aulas?

Participante: Tem!! Tem sim!! Tem um rapaz, nós da ONG damos aula em outra instituição social, e tem um rapaz que no primeiro dia que eu cheguei nas aulas, ele tem 15 anos, ele tinha 14 e o máximo pra ficar aí é 15, pra ficar lá naquela ONG, e aí quando eu cheguei mesmo, é assim, a gente sabe né!! A gente chega, a gente vê o aluno que realmente vai dar mais trabalho. E aí ele brigava com todo mundo, mas era todo mundo. E aí um momento que eu pedi pra todo mundo ficar em silêncio, ele falou que eu não mandava nele. Eu falei “realmente eu não mando” ok, e ficou por aí. E aí durante todas as aulas ele batia em alguém, todas as aulas é... ele começava a querer chamar minha atenção, mas nunca sendo agressivo comigo, mas agressivo com todo mundo ao redor dele. E aí um dia ele estava realmente fazendo a maior bagunça e eu não tinha realmente como manter ele dentro de sala. Então eu pedi pra ele realmente ir pra diretora, e aí ele foi. E no final, na hora que nós estávamos indo embora, eu acredito muito é... no método Paulo Coelho né, e aí eu falei assim “gente, eu não posso simplesmente tirar ele da sala, e não conversar com ele depois” e aí acabou a aula, lá é assim, acaba 4 e os meninos parece que 3:59 eles saem, por que você não vê mais, e aí é um pouco longe onde tem a aula da diretoria. Então quando eu fui ele já tava saindo, eu chamei ele pra gente conversar, aí eu falei assim “- o que que está acontecendo?”, e aí eu fiquei calada. Ele não me falou nada, eu também não falei nada, a gente ficou uns 15 minutos calados olhando um pra cara do outro, e aí ele só falou “-Tchau tia”. Ele nunca tinha me chamado e tia! (vos surpresa). Aí eu pensei “esse trem tá mudando”. Aí no outro dia ele chegou, fez as gracinhas dele mas não foi agressivo com ninguém. E aí antes do final da aula, a diretora ligou e falou que o pai dele tinha ido buscar ele. E aí ele saiu. Aí no outro dia, eu perguntei (porque eram duas aulas na semana), eu perguntei pra ele o que que tinha acontecido, e aí ele foi me contar a história dele. Que o pai dele tinha acabado de ser solto, a mãe dele tinha morrido, ele vivia com um tio que era usuário de drogas, que vende também. Ele é usuário e agora ele tá vendendo pra tentar manter o próprio vício. E aí ele foi me contar toda a história, todo o que passa por ele e tal, e aí eu falei assim “-olha, depois de escutar eu entendo o que você está passando mas eu não sei a proporção disso. Porque pra você é muito real do que pra mim. Só que é o seguinte, eu só quero te falar que você não é obrigado a seguir essa linha. Não é porque seu pai fez isso, que sua mãe antes de morrer também era envolvida com isso, que seus tios vivem com isso, não é porque você não tem contato nenhum com os seus irmão que você precisa seguir o mesmo caminho. Tem outros caminhos que você pode seguir.”. E depois disso, ele mudou totalmente, não só comigo mas com todos os outros professores, porque lá tem muitas aulas. Já faz um tempo que eu não o vejo, mas quando eu vejo os professores sempre eles comentam. Acredito que ele saiu no meio desse ano e lá. Mas é uma mudança que sempre me toca, porque eu acredito que ele mudou. Não sei o caminho que ele vai seguir, mas pelo menos ele conseguiu ver outras possibilidades, e ele ficou muito contente disso. Então eu acho que é por causa dessas situações que a gente continua insistindo, sabe, da mudança.

Pesquisadora: Qual a relação dos pais ou responsáveis com o projeto?

Participante: É muito relativo... Tem pais que, por exemplo, nós vamos em três locais né. Tem um local que é um pouquinho assim, digamos que, os pais tem um pouquinho mais de “conhecimento” e aí eles levam os filhos na aula, eles perguntam se os filhos estão conseguindo fazer. Agora tem pais que, como eles trabalham de cinco da manhã às dez da noite nós nunca vemos. Nós conhecemos pelos alunos. Aí às vezes quando acontece algo muito sério, que é preciso falar com os pais. Então eu acho muito interessante porque a gente tem situações totalmente extremas, de pais super presentes e de pais super ausentes, que inclusive os filhos tem dias da semana que eles nem vêm, porque ele acorda e os pais já saíram pra trabalhar, ele vai dormir e os pais não chegaram ainda. E aí você consegue perceber que muitas vezes os professores, seja da escola social, seja da escola básica, ou fundamental que ele está inserido, vira a família dele, porque ele está muito mais com os professores do que com os pais. Então assim, tem pais que teve a possibilidade de encontra-nos e agradecer super, e falar “nossa, meu filho mudou”, agora tem pais que às vezes nem percebe que o filho mudou, porque não tem contato com ele, justamente porque o trabalho não deixa que isso aconteça sabe.

Pesquisadora: Essa variação do pai que preocupa mais ou preocupa menos, você consegue fazer uma relação com a questão de vulnerabilidade social, por exemplo?

Participante: Sim! Sim! Consigo... Porque eu acredito assim, um dos motivos né...Primeiro porque... Tempo. O pai que está em uma situação um pouco, bem mais vulnerável, ele precisa trabalhar em um serviço que eu considero escravo, porque ele trabalha 12/13 horas pra ganhar um salário mínimo, às vezes eles nem ganham isso, ganham uns R\$400, como uma aluna tinha me falado e uma cesta básica, pra trabalhar 12 horas. Então eles realmente, por mais que a gente pense assim...porque quando a gente vê as crianças sofrendo a gente pensa assim “nossa, mais que coisa né?! Cadê os pais dessa criança”, mas aí a gente vai ver como que os pais foram criados. Aí nós vamos ver que se eles não forem trabalhar, os filhos vão viver muito pior, porque eles não vão ter nem o que comer, que muitos casos nem tem, eles comem mesmo é ou lá na escola do ensino médio, ou na instituição. E aí nos pais que por exemplo, que estão mais próximos, mais preocupados, entre aspas, não quer dizer que o outro não esteja, mas que seja mais próximo dessa construção do conhecimento, muitas vezes eles tem um tempo e um conhecimento da importância daquilo para os filhos imenso. Têm alunos nossos que, além de fazer circo faz balé, faz karatê, e não só na instituição, mas particular. Tanto que tem alunos que tem alongamento que você fica assim, brilhante por causa do balé, agora tem alunos em situação vulnerável que nunca treinou na vida, e que quando a gente fala “ah, sobe no tecido e faz isso, faz aquele desenho” eles fazem como se tivessem feito a vida inteira. Então assim, às vezes é algo que eu fico até pensando que não tem muito como separar, quem tem mais possibilidades. Agora a questão dos pais, eu vejo extremamente importante, porque um aluno em situação vulnerável, ele chega com a auto-estima baixíssima, ou autoestima muito baixa e ele assume isso, ou uma autoestima muito, muito baixa e ele tenta criar um mecanismo de defesa agredindo as pessoas, pra que ninguém perceba que ele tem a autoestima baixa. E o que a gente não vê tanto, vê.. mas não tanto, na outra situação. Mas assim, não tem como tirar essa relação, sabe, é muito claro.

Pesquisadora: Geralmente os alunos que dão mais “trabalho” vocês conseguem identificar posteriormente que é um aluno que tem mais problemas familiares, mais problemas em casa?

Participante: Isso!! Desestrutura familiar.. Muitas vezes ele nem está em situação vulnerável, mas a estrutura familiar dele não é firmada. Muitas vezes ele vive muito bem em termos econômicos, mas não vê os pais, ou não vive mais com os pais, os pais abandonaram e vive com a avó. Então assim, tem por exemplo, tem um rapaz que ele sempre foi muito, muito quieto, muito na dele, e muito bem arrumado fisicamente assim, muito bem. E aí passou um tempo, ele faltou umas semanas, e voltou. Quando ele voltou, ele voltou dando um trabalho assim, que eu nunca pensei. Aí eu falei “gente, quem que é esse rapaz.. Não é possível que é o mesmo aluno”. E aí depois eu fui conversar, e ele não aceitava conversar. Depois nós fomos conversar, porque ele estava dando muito trabalho, aí todos os professores conversou com a diretora, e a diretora procurou a mãe, e aí descobriu que a mãe tinha falecido com o pai em um acidente de carro e que ele estava morando com a avó, que era no Santa Mônica, e o local do circo era lá no São Jorge. E aí a Vó percebeu que o que tava fazendo muita falta pra ele era essa aula. Então ela levava ele de ônibus todos os dias. Pra quem sabe a distância é grande, e pra uma vó, que com os seus 70 anos, levar o neto que está passando por toda essa situação, é porque ela realmente acreditava. Mas ele estava em uma situação totalmente de desestrutura familiar, embora tenha outros, esse é um caso que me tocou muito, porque eu pensei “gente, agora, ele realmente percebeu que ele perdeu os dois pais” e que agora eu acho que ele estava tentando chamar a atenção, “Nossa, olha aqui, o que que eu faço, eu estou apavorado, sabe” e era como ele tentava chamar essa atenção, que muitas vezes a gente não percebe. Aí a gente briga, a gente fala que “nossa, esse menino não tem jeito”, enquanto realmente ele tem, mas só que ele está desesperado, ele precisa de um pessoa que direcione pra onde ele vai.

Pesquisadora: Vocês já tiveram algum problema com algum pai ou responsável?

Participante: Não

Pesquisadora: Sempre que vocês tiveram contato era com apoio?

Participante: Isso! Sempre com apoio.. Claro que muitos pais tinham medo do filho machucar né...Mas isso não era problema não.. Sempre nós deixamos muito explicito que o risco acontece em tudo né. A probabilidade de acontecer alguma coisa tem em tudo. Mas nunca teve problema. Sempre foi algo muito bem conversado, e nós tivemos muito apoio, até porque sem os pais não tem como a gente trabalhar bem né, tem que ter um apoio.

Pesquisadora: Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele.

Participante: Oh! Eu costumo falar assim, é um pensamento que eu construí ao longo do tempo, que existe uma Bruna antes e uma Bruna depois, porque eu era uma pessoa extremamente difícil de convivência, a termo de criar vínculos duradouros. Eu sempre fui muito fácil de comunicação, mas criar vínculos era algo mais complicado pra mim. E a minha autoestima (risos), pra dar debaixo do poço assim. E aí com o circo isso foi muito, muito, muito mudado mesmo.. muito aliado não só com as técnicas circenses,

mas com o palhaço. O circo de forma geral, não só o palhaço e nem o outro, a junção de fato, porque com o palhaço eu pude ver que é.... eu pude começar a entender o agente de mudança social no palhaço. Aí eu fui começar a perceber que “nossa o mundo não gira em torno de mim” “eu não sou essa pessoa tão ruim” “eu posso de fato ser útil” e aí juntou o circo e eu fui começar a ver as minhas possibilidades. Nossa, eu pensei que eu nunca ia conseguir fazer isso, me senti mal um tempão, mas aí eu percebi que quando a gente de fato se entrega a algo, quando a gente de fato treina e a gente quer algo, a gente consegue. Então foi algo muito, muito trabalhado em mim em termos de confiança, empoderamento, de entender que “sim, eu posso” e que “sim, é possível mudar”... Porque eu sempre fui muito indignada com a situação do mundo mas eu nunca pensei em como mudar. E aí o circo me veio essa idéia “oh, já que você tá tão indignada, aqui tem um jeito. O jeito que te mudou, o jeito que te melhorou, pode ajudar você a mudar outras pessoas” Então, sem dúvidas nenhuma, na minha percepção, a arte circense é totalmente possível de transformar vidas, e todas as pessoas que se envolveram comigo na própria ONG, ou que nós tivemos oportunidade de participar em alguns momentos que não estão mais, mas também passou por essa mudança. Então eu acho que qualquer lugar que o circo social passa, é impossível a pessoa continuar igual. Acho que em qualquer lugar, mesmo que seja em tempos pequenos, seis meses, doze meses, ou tem pessoas que estão a bem mais tempo como os nossos professores né, é impossível continuar igual né.

Pesquisadora: Na vida dos pais, das crianças?

Participante: Sim! Porque não tem como... Se o filho muda, o filho leva essa mudança pra dentro de casa.. E aí muitas vezes o pai fica constrangido naquilo. E aí ele fica pensando “nossa, meu filho mudou, porque que eu vou continuar”, então por isso que eu também acredito que a criança, ela é o futuro.. porque quando a criança muda o adulto ele se sente constrangido a mudar também.. Tanto que se você coloca um adulto com uma criança ele vai ser modificado, independente se seja do circo social ou não, porque a criança ela tem essa ingenuidade que contagia todo mundo ao redor.

Pesquisadora: Vocês já tiveram algum relato de algum pai que veio falar com vocês da transformação social do filho? Que ele levou isso para casa? O que aconteceu posteriormente?

Participante: Sim! É, o nosso professor, o João vai conseguir falar melhor porque foi pra ele, eu só estava perto. Mas, teve um bairro que nós demos aula, no Canaã, e... e teve uma aluna que ela tinha passado por violência sexual. E aí.. não era os pais dela, nem sei se era os tios, mas tinha uns responsáveis por ela, não era assim laço de fato sanguíneo, mas era alguém que eles gostavam muito e acabou cuidando dela. Agradeceu muito.. questão que ela conseguia agora conversar com as pessoas. Porque ela tinha passado por situações muito ruins né... e ela não andava sozinha a noite (a noite assim que eu falo, sete horas ela já não andava sozinha), e aí com as aulas ela começou a ir nas aulas sozinha. Então às vezes a gente olhada pra fora e não tinha ninguém, e a gente pensava “gente, será que deixaram ela aqui com o carro e foram embora”, aí no dia, esses familiares, não sei o que eles são dela, falou pra nós professores que “nossa ela mudou muito”.. e teve outros casos também, só que nesse período eu estava mais com o João, não estava tão próxima dos aulos, então foi mais pra ele essas, essas histórias. Mas que a gente conhece, e que a gente fica feliz da mesma forma, porque a ideia é não quem está perto, mas se foi transformado, se foi

transformado nós nos alegramos da mesma forma, se foi ou não nós que estávamos por perto.

Pesquisadora: Gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi contemplada na entrevista? Alguma experiência? Alguma coisa relacionada ao circo?

Participante: Não! Só uma consideração que eu acho que, o circo social ele, embora a gente veja muito hoje em dia falar sobre ele, eu acho que ainda é uma área que não tem o devido investimento que devia acontecer sabe, e isso acaba que frustra todo mundo que se envolve com o circo social, não só a nossa ONG, mas todos! Então é até interessante um trabalho como este de graduação, pra que isso seja de fato lido pelas pessoas, e que elas entendam que quando elas vem o circo social não é só algo bonito e interessante, não é só “nossa que bonito a pessoa no tecido” “nossa que bonito a pessoa no trapézio”, mas aquela pessoa que conseguiu fazer tecido, aquela pessoa que conseguiu fazer trapézio teve toda uma mudança que vai fazer com que ela mude o mundo de alguma forma, porque a mudança do mundo começa na gente, e que precisa de investimento. Não há como ser feito sem investimento.

P3GN

Idade: 31

Sexo: Feminino

Tempo de atuação no projeto: 4 anos – desde o início do projeto.

Pesquisadora: Como começou a sua participação no projeto e se você foi educanda do projeto?

Participante: Então!! É... eu sou cofundadora, coidealizadora do projeto e desde o início eu participo como educanda né, do projeto, em todas as modalidades, que é o Dr Palhaço, que é o palhaço em hospitais e o circo mesmo, a arte circense, tanto em escolas, quanto em ONGs, todos os lugares que a gente foi sempre eu estava participando, até hoje assim.

Pesquisadora: Você poderia comentar como foi sua trajetória profissional até chegar ao Projeto?

Participante: Então, de início, desde a infância e adolescência eu trabalhava era com dança. Fiquei 10 anos seguidos da minha vida dançando, fora é... paradas, idas e vindas né. E aí depois de um tempo eu conheci o meu marido, que também foi fundador do projeto, e ele trabalhava com circo, e aí foi quando eu me apaixonei assim. Eu já trabalhava com palhaço, com teatro, mas não com a arte circense ainda. E aí eu me apaixonei pelo circo também, e a gente se casou e tal... e aí veio essa idealização desse projeto que contemplasse o palhaço que eu já fazia no hospital com a arte circense de uma maneira que todo o projeto fosse focado no social assim, pra transformar a vida das pessoas. Assim, como fez diferença na minha, como fez diferença na dele, que fizesse diferença também na vida de outras pessoas. E aí a gente, foi assim que começou. Até então era arte né... eu acho que quase todo artista se envolve com

muitas, múltiplas artes né, mas ainda não a arte circense. E aí hoje o circo eu posso dizer que faz parte assim, da minha vida, assim...

Pesquisadora: Você atua em outras áreas relacionadas ao circo?

Participante: Então! Só o palhaço né e... o palhaço é mais forte assim, é a minha área que eu faço mais. E no circo tem várias áreas né, que tem os aéreos, as acrobacias, os malabares. A arte circense é muito múltipla, dinâmica, variada né. Mas, no circo em si eu tenho mais dificuldade, por ser mais uma coisa muito corporal, muito física, mas como eu trabalho em parceria com outras pessoas a gente se complementa, e a área que mais me atrai é o malabares, assim, que eu acho magnífico. Acho que exige, que a gente aprende a ter disciplina, a se concentrar, e acho que é as duas áreas que eu tenho mais contato, que é o palhaço e os malabares, as outras eu arrisco né (risos)... mas não é umas áreas que eu tenha afinidade não.

Pesquisadora: Qual o seu envolvimento com o circo antes da atuar no Projeto?

Participante: Então, antes de conhecer, de montar esse próprio projeto que é o nosso a gente já trabalhava em outras organizações com o circo, fazendo participações, é... dando oficinas né, então, mas a gente não era idealizador do projeto né. Então eu já esse envolvimento, já faz nove anos que eu tenho esse envolvimento com o circo, que a gente namora a arte circense né. Mas de forma integral, que é nossa vida, que é o projeto, que a gente carrega o projeto, e projeto social demanda várias outras áreas, não só a parte prática, mas quando você entra de cabeça que você é idealizador você tem a parte burocrática, você tem a parte, enfim de lidar com a papelada, de lidar com a família, com mil outras coisas, então, assim, eu trabalho com o circo a nove anos, mas de forma integral a quatro, com o projeto Guni.

Pesquisadora: Por que surgiu o interesse de se tornar professora de circo num projeto social?

Participante: Porque quando a gente começou a namorar o circo em projetos sociais, em outros projetos que eu já falei que a gente trabalhava, eu percebi que aquilo realmente fazia a diferença, assim, sabe?! E era gritante em algumas pessoas. Inclusive algumas pessoas que eu conheci a nove anos atrás como alunos hoje são artistas profissionais, estão em circos profissionais, fazem a vida deles através disso. Então, aquilo inspirou a gente, a querer continuar assim, sabe?! Então, quando a gente percebeu que os outros projetos talvez não atenderia essa demanda social da maneira que a gente queria, que a gente queria mesmo continuar com aquilo, a gente decidiu abrir um projeto pra continuar, pra que isso não acabasse. E... até hoje a gente ampliou pra Moçambique também, não só Brasil, mas outro país, porque sempre foi um sonho nosso ir pra Moçambique fazer algo social, mas a gente nunca imaginou que ia ser com circo né?! E o circo abriu uma porta gigante lá, um portão, e aí acho que é difícil a gente largar essa vida hoje (risos)...

Pesquisadora: Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no Projeto? E você já fez curso de formação específica para o ambiente de circo social?

Participante: Eu sou formada em Pedagogia e Psicopedagogia né, então eu acho que essa área da educação me ajudou muito na questão de ser professora, assim, de passar um conhecimento, de conhecer as fases de cada criança, de cada adolescente, de entender a mente deles, e, enfim né, e... a parte da dança, tudo que a gente faz na vida ajuda né, ajuda né, a parte da dança ajudou pra entender o corpo, pra consciência corporal, e tudo isso é necessário muito no circo também. E... depois que a gente começou a trabalhar com circo em ONGs a gente fez vários cursos nesse sentido de capacitar, é, a ser o chamado instrutor de arte circense, né. E... eu acho que é uma eterna formação, assim, muito prática às vezes assim, de andar junto com outras pessoas que já fazem, ou de começar a dar aula e aprender com aquele erro, ou com aquilo que deu certo, e eu me sinto assim, eu acho que eu aprendi muito mais na prática, dando aula, do que às vezes os cursos. Claro que a gente fez os cursos, mas acho que a gente aprendeu mais nessa coisa de estar sempre nesse ambiente social, e, eu acho que vai ser eternamente assim também, vai ter que buscar muitas outras vezes, porque, tanto na teoria da técnica quanto na teoria de dar aula sempre precisa mudar porque as pessoas mudam né?! A sociedade muda, a gente tem que mudar a metodologia, tem que mudar o jeito de abraçar isso, né. Até quando muda de bairro... Você sente a diferença, “Ah, esse bairro eu tenho que lhe dar de maneira diferente daquele tal bairro que eu dou aula”, imagina se mudar de época, por exemplo, da próxima geração. Eu não sei daqui a dez anos talvez a técnica seja totalmente outra né.

Pesquisadora: Qual os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?

Participante: Nossa!! O circo é muito, é muito, abrangente nesse sentido moral, assim, porque, nas aulas a gente ensina, disciplina, a gente ensina persistência, ensina trabalho em equipe, ensina concentração, não só as coisas físicas, mas as coisas morais também, né, a confiança em mim, no outro, a minha superação do medo, é... no caso do palhaço um autoconhecimento de quem eu sou, do que, que eu sou na sociedade, e qual a minha postura diante das pessoas. Nossa!! O circo é... assim, pra mudar uma criança que talvez não acreditava nela, que talvez era tímida, enfim, tem mil possibilidades dentro do circo pra trabalhar isso, assim... Em mim eu vejo isso, até hoje eu falo que na arte circense eu tenho pouca habilidade, e tenho mesmo, mas, é, isso até o fato de eu não conseguir e até hoje estar tentando é, mostra pra mim, que, o quanto eu já melhorei, no sentido de superar, o que eu achava que eu nunca daria conta, hoje eu dou conta de algumas coisas, outras coisas no sentido social, de viver com as pessoas, eu vejo que a minha vida é completamente outra de que quando eu não trabalhava com palhaço, por exemplo. Tem alunos meus que eu também vejo, do palhaço, que mudaram completamente a vida, no sentido de apresentar um trabalho na faculdade, sei lá! De falar numa palestra, de uma entrevista de emprego (risos), a gente pensa que não, mas faz muita diferença, e eu vejo relatos deles mesmo chegando em mim “Nossa, hoje eu apresento um trabalho completamente diferente. Hoje eu me relaciono com as pessoas diferente.” E isso é muito gratificante né! E eu acho que tem mil utilidades, o circo, assim. Tanto a arte circense quanto o palhaço pra trabalhar. Ai o povo fala “Ah, o circo não é útil para o mercado de trabalho.” É muito útil sim. Já vi pessoas falando “Ah, vamos priorizar oficinas que têm é... um aparato pro mercado de trabalho.” Olha, você pode ter certeza que o circo é um aparato para o mercado de trabalho (risos)... Faz muita diferença.

Pesquisadora: Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?

Participante: Olha, primeiro eu acredito que, não sei, acho que de início o aluno tem um pouco de medo do professor (risos), porque o circo ele, ele é, ele desafia muito a gente né?! Eu falo a partir de mim, do que eu vejo também nos alunos, mas depois eles vão se apaixonando. A gente fala que, engraçado é que o aluno chora e reclama e depois ele volta no outro dia né. Tem algo no circo que faz as pessoas quererem mais e voltar né, e eu acho que é esse gostinho da superação, de fazer algo que eu nunca fiz na vida, e... e por ser muito encantador também, todas as habilidades. Mas eu acho que a relação é muito de... de autoconhecimento e de superação no sentido dos dois lados, assim. De o professor ensinar um aluno que talvez tenha muito dificuldade, e você tem que descobrir um jeito de fazer aquele aluno aprender; e no sentido também do aluno vendo aquele professor rígido, naquele professor que às vezes têm que ser bravo, e tem que ser, ver naquele professor uma pessoa que tá ajudando ele né a crescer, e aí vira um amigo e depois acaba que o aluno quer ser o professor, né, e aí eu acho que é essa coisa de, de vai e volta, assim, não tem só uma via assim, a gente se conhece no vai e volta, aprende no vai e volta. E os alunos em si, tem muitos alunos que viram amigos pra vida toda né, vira uma família. A gente fala que trupe é família. No circo a trupe é a nossa segunda casa, porque se você não considerar aquela pessoa sua família provavelmente você vai machucar ela na aula. Então eu acho que é essa relação familiar assim, vira. Se você fica com um projeto numa região um ano, dois, três... Se você fica mais de um ano vira família, vira gente que você quer saber da vida, quer andar junto, que você conhece de todos os jeitos, descabelado, suada, chorando, rindo né (risos), e aí vira família mesmo!!!

Pesquisadora: Você consegue identificar mudanças de comportamento nos alunos no decorrer das aulas?

Participante: Muito! É... no sentido físico e no sentido, é igual eu falei antes, né, da personalidade, de como ela lida com o mundo, é... muda muito mesmo, depende muito da pessoa. A gente fala que o circo ou você ama ou você odeia. A pessoa vai na aula de circo ela ou aí hoje e nunca mais larga ou ela vai hoje e nunca mais volta. Tem, né, tem aquelas pessoas que se apaixonam e não querem mais largar, nem que seja um hobby, e tem aquelas que não querem mais voltar. Mas é isso, eu acho que muda muito mesmo.

Pesquisadora: Tem algum caso mais pontual, que você lembra de algum aluno, até nessa questão física de hábitos, ou de comportamento dentro da sociedade, família?

Participante: Oh!! Eu tenho muitos exemplos! Mas tem dois que eu, que eu me apaixono mais. Tem um que é da turma de palhaço, que é uma pessoa que entrou, entrou assim, querendo só fazer parte de algo, que tinha uma certa admiração pelo palhaço, e... ela se apaixonou de tal forma que mudou a vida dela, a perspectiva, até os planos futuros, hoje ela faz parte da equipe, e ela da aula hoje com a gente, faz parte da trupe que a gente chama, da equipe de professores e monitores, e ela mudou até a forma dela de lidar com ela mesma, na faculdade, na sociedade, então eu acho que o palhaço fez muita diferença, assim, na vida dessa pessoa. E outra que é da aula de circo, de arte circense, que é uma menina que tinha autoestima quase zero assim, ou menos que zero, sei lá, ela era muito tímida, muito, não tinha nenhuma autoestima, se achava feia, se achava chata, se achava mil coisas, e ela entrou no circo, ela tem

sobrepeso, ela é obesa, e ela pensou, eu acho que de início que ela não ia dar conta de fazer nada. Mas aí ela descobriu a acrobacia e o malabares, que são duas áreas que até mesmo a pessoa sobrepeso consegue se encantar e consegue participar, e a vida dela, o jeito dela com as pessoas, a autoestima dela mudou completamente, a um ponto de a gente ter q falar assim “Menos fulano, menos. Não é isso tudo não” (risos)... E eu acho que pra essa pessoa o circo mudou totalmente a visão dela pra ela mesmo assim, sabe.

Pesquisadora: Qual a relação dos pais ou responsáveis com o projeto?

Participante: Olha, a gente, é muito importante, porque a gente, humm... quando são crianças principalmente a gente tenta acompanhar a vida escolar dessas crianças, no sentido que o circo seja um incentivo pra eles serem melhores na vida, assim né. Então a gente sempre está com os pais perguntando sobre a escola, se eles estão melhores, se eles estão melhores em casa. Então, se os pais não caminharem juntos é impossível fazer essa comparação de melhoria, se eles estão melhores né, na vida né. E os pais também dão um feedback pra gente assim, da criança, no sentido do que que ela melhorou, do que que ela precisa melhorar. E a gente usa esse feedback pra trabalhar isso nas aulas, “Ah, fulano ainda é agressivo” ou “Fulano tirou nota baixa esse mês”, e aí a gente começa a trabalhar isso nas aulas, principalmente quando são crianças, né. Adolescente a gente tem menos contato com os pais, mas mesmo assim eles fazem parte do universo no sentido de retorno das oficinas. Sempre tem espetáculos que apresentam para família o quanto eles se desenvolveram naquele ano, o que eles aprenderam naquele ano, naquele semestre né. E a gente tem um retorno dos pais, no sentido de, de a maioria de impressionados, assim de “Nossa, meu filho sabe fazer isso! Eu nem sabia que era isso que ele fazia aqui!” Então a maioria dos pais tem um retorno positivo no sentido de “Nossa, eu não sabia que o meu filho era capaz de fazer isso!” E isso é muito legal de ver né, que as vezes nem os pais acreditavam que a criança podia, ou o adolescente podia chegar naquilo né!

Pesquisadora: Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele.

Participante: Assim, na minha vida, é igual eu falei né, é muito difícil eu mudar de vida. Eu acho que essa vai ser a minha vida por muito tempo, assim, trabalhar com projetos sociais e com circo, fazendo disso uma arma de mudança social né, porque o retorno que a gente vê dessas famílias, dessas crianças, desses adolescentes é o que faz valer a pena. Porque a arte no geral não tem muito retorno financeiro, né?! Mas eu acho que esse retorno vale tudo fazer a pena, assim, valer a pena de, no sentido de transformar a vida de algumas pessoas. Algumas mais, outras menos, mas sempre marcar de alguma forma. E... e as pessoas que fazem parte?! Eu acho que mesmo que elas não tornem disso uma profissão, ou mesmo que elas não fiquem a vida toda, eu tenho certeza que alguma coisa ficou assim, do circo. No sentido de, sei lá, daqui uns dez anos ela falar assim “Você sabia que um dia eu fiz circo?”, eu acho que até no sentido de ter orgulho de ter feito parte, assim. A maioria a gente sente isso, “Nossa, eu fiz parte. Eu fazia isso!” ou “Foi muito bom pra mim nessa época por causa disso!”, então eu acho que de alguma forma marca a vida de todo mundo assim. E... No geral, na maioria positivamente né?! Aí sempre tem alguns que, igual eu falei, que não gostam mesmo né, chegam e não se identificam. Mas é mais raro esse tipo de feedback, a maioria é positivo. E aí, eu acho que é isso!

Pesquisadora: Gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi contemplada na entrevista? Eu tenho uma pergunta também que me veio a cabeça. Quando acontece algum conflito dentro das aulas, como vocês fazem, assim, pra remediar esses conflitos?

Participante: Depende do conflito! Qual tipo de conflito?

Pesquisadora: Entre aluno-aluno, ou entre o aluno e o professor?

Participante: Olha, já teve até conflito de faca (risos) Porque depende do bairro, igual eu falei, da ONG que a gente trabalha, do público que a gente atende. Tem vários tipos de maneiras pra trabalhar isso. Mas, quando a gente percebe que o aluno é violento, ou quando ele tem muita resistência, geralmente a gente põe aquele aluno pra ser braço direito. A gente anda mais perto, sabe. Então o fulano é o mais bagunceiro, espera aí, vamos me ajudar aqui, vamos carregar tatame, vamos montar aparelho, vamos, você vai dar o alongamento hoje, o aquecimento, e geralmente funciona. O andar junto. Eu acho que é a mesma técnica que o professor faz na sala de aula quando tem aquele aluno né, que conversa mais, aí você põe na frente da usa mesa, assim na sala. Eu acho que é as mesmas técnicas de um professor na sala de aula. É as que a gente usa no circo né. Só que o circo ainda tem coisas que a gente, é, pode usar que é diferente de um professor, por exemplo, é, a gente brinca de pagar abdominal, são maneiras de, que é bom pra ele no sentido do corpo, não vai prejudicar ele em nada, e é um efeito coercitivo, né, que ele “perai..., não..., se eu fizer isso eu vou pagar abdominal, então eu não vou fazer”, então a gente usa esses meios, assim, “ah, você vai subir dez vezes no tecido” sei lá..., maneiras que eles acabam que, começam numa brincadeira séria, mas depois eles nem fazem mais, aí aquilo se torna desnecessário. Porque eles começam resistentes, aí acho que essa violência, essa resistência é pra chamar atenção né, mas aí depois eles percebem que aquilo é legal, que eles querem, e aí eles começam a fazer sem ter que utilizar esses métodos né. E outra coisa que eu queria acrescentar é que, quando a gente foi pra Moçambique a gente acreditava que lá ia ter resistência porque é um país que não tinha circo, não têm circo lá, não tem essa tradição brasileira de ter circo de tenda, que você pelo menos visita e vê, e..., e pelo menos uma vez na vida você foi num circo né?! E aí a gente chegou com meio, um pouco medo assim né, de não agradar de alguma forma, mas aí a gente percebeu que o circo ele é bem vindo em todo lugar, sabe?! Lá a gente percebeu a paixão deles pelo circo assim. E aí a gente percebeu que lá, por ser uma coisa nova, ao contrário do que a gente pensava que ia ter resistência, teve uma paixão imediata, assim. E a dedicação deles foi muito mais extrema, por ter só aquele tempo, de, depois eu não vou ter mais, então eu vou me afundar nisso aqui. Então eles aprenderam muito rápido, e foi uma experiência magnífica, porque a gente também apresentou lá, num teatro grande, e eu como palhaça meu medo era ‘Será que eles vão entender né?! Será que eles vão, é... esse humor do palhaço!’ e... mesmo em Moçambique que não existia foi totalmente receptivo, assim.

Pesquisadora: Lá não tinha nem palhaço?

Participante: Tem mas não nesse estilo do circo. É mais assim, animador de festa. Tinha outros tipos de artistas, assim né, e numa maneira mais broca, que a gente fala,

que é, tipo assim, não tem nenhuma técnica dessas que a gente estuda aqui nas faculdades, nos cursos de palhaços, no sentido de figurino e maquiagem, tudo muito rústico ainda, muito, muito Brasil anos 60 assim, anos 50. E aí, e... eu pensava que ia ter resistência mas foi ao contrário assim, foi e, paixão a primeira vista, e foi muito interessante isso assim. A gente pode ver que o circo funciona não só aqui, como lá também, de maneira social. Porque as pessoas que a gente deu aula eram órfãos, eram pessoas que não tinham nenhuma chance assim na vida, de sei lá, um dia fazer uma escola de circo se fosse paga, por exemplo. E a gente foi lá, e ensinou e eles foram totalmente, abraçaram e aprenderam, e alguns apresentaram chorando, assim, no sentido de alegria de estar ali naquele lugar, de subir num picadeiro, de subir num palco de um grande teatro. Essa oportunidade pra eles era única. E aí foi muito bom fazer parte disso, eu acho que, é... quem é artista assim deveria experimentar, em todos os aspectos, experimentar. Não só no circo, na dança, em outras áreas, fazer algo social, assim, porque faz mesmo a diferença.

P2CV

Idade: 36 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação no projeto: mais de 1 anos

Pesquisadora: Como começou a sua participação no projeto? Foi educando/a do Projeto?

Participante: É, iniciou em 2015 né, quando o Daniel que é o coordenador do projeto me convidou pra dar aula na escola particular dele primeiro né, lá no é o Mundo do Circo. E.... então eu dei aula lá durante um ano e aí em 2016 eu comecei a dar aula no projeto Circo da Vida, é, onde que são crianças né, carentes, nem todas carentes, mas as crianças do bairro né que fazem o projeto social. Então, foi assim a minha aproximação com o projeto social né. Antes disso eu tinha uma formação totalmente inversa ao circo, que eu sou formado em direito, atuo como advogado, mas eu sempre gostei da área de esportes. Eu treinei ginástica olímpica durante muitos anos, então aqui no projeto eu sou professor de acrobacias né, ensino eles a fazer acrobacias de solo.

Pesquisadora: A sua experiência em ginástica olímpica foi aqui em Uberlândia mesmo?

Participante: Sim, aqui na Educação Física

Pesquisadora: Quanto tempo você treinou?

Participante: Em torno de uns sete anos.

Pesquisadora: Poderia comentar como foi sua trajetória profissional até chegar ao Projeto?

Participante: É, sim.... Então, por eu ter feito aula a muitos anos e auxiliar também o professor de ginástica, então eu fui adquirindo o conhecimento de como dar apoio, de

como é a técnica utilizada né, pra ensinar acrobacias. E aí após o Daniel me convidar pra dar aula na escola dele, aí ele viu que eu tinha uma certa experiência, ensinava algo que os professores que não tinham condições de ensinar as acrobacias né, e me convidou pra fazer essas aulas. Aí deu certo lá e ele me chamou pra fazer aqui.

Pesquisadora: Antes de dar aula lá na escola dele você não dava aula disso em outro lugar?

Participante: Não, não

Pesquisadora: Só era praticante?

Participante: Sim

Pesquisadora: Você atua em outras áreas relacionadas ao circo? Fora da aula? Você apresenta, ou atua administrativamente?

Participante: Eu já fiz apresentações né, tanto em festivais, como pra divulgações também. Hoje em dia até que eu não atuo mais assim apresentando, mais como professor mesmo, fora daqui também, e como coordenador de circo também lá na escola Mundo do Circo.

Pesquisadora: Qual o seu envolvimento com o circo antes de atuar no Projeto?

Participante: Antes de entrar no projeto eu tive uma experiência com circo bem interessante. É porque como a gente fazia ginástica olímpica veio pra Uberlândia o circo do Marcos Frota, e aí ele foi até lá na Educação Física onde que eu treinava e falou que precisava de três atletas, três alunos né pra apresentar com a equipe deles porque ele tinha três pessoas deles que estavam machucadas. E aí ele fez esse convite, e aí eu fui um dos escolhidos, e a gente fez as apresentações durante o tempo que o circo ficou aqui. Aí a gente apresentava nos finais de semana, recebia um cache. Então foi uma experiência muito bacana né, foi o primeiro contato assim com o circo mesmo. Daí a gente fez em torno de mais de trinta apresentações né, com a área de acrobacia mesmo.

Pesquisadora: Isso tem quanto tempo?

Participante: Foi em 2002 eu acho. Tem bastante tempo, mas foi a minha área de experiência com o circo. Desde então, é, o circo assim mudou a minha visão né, outros olhos, aí quando surgiu a oportunidade que abriu a escola Mundo do Circo, que foi em 2015, né, então deu uma, voltou todo aquele tempo que eu vivi né, das experiências no circo pra poder ensinar as crianças a magia do circo mesmo. Tanto que hoje alunos daqui estão apresentando no circo que está na cidade da mesma forma que aconteceu comigo. O pessoal veio aqui, assistiu à apresentação deles, escolheu alguns números e hoje eles apresentam lá no circo Monte Carlo, que está na Rondon.

Pesquisadora: Você falou que depois que você participou dessa experiência mudou um pouco a sua visão né, sobre o circo. Você pode falar um pouco sobre isso?

Participante: É, porque normalmente a gente vê o circo como um espetáculo, algo que encanta a gente, mas a gente não conhece os bastidores né, do que que eles vivem, o que acontece atrás ali do picadeiro. E foi interessante por saber a dificuldade que eles têm de montar, de chegar em cada cidade, de manter uma estrutura pra eles. Né, então eles têm que correr atrás de como colocar energia, como colocar água, como montar a lona deles né. O tanto de pessoas que gasta pra fazer esse trabalho. Fora os treinos que eles têm que fazer diários pra apresentar os números né. Então, a questão das crianças que são filhos de circenses né, que cada cidade que eles chegam eles têm que matricular na escola mais próxima pra não parar de ter aulas né. Então é muito interessante, isso me fez ter outra visão assim.

Pesquisadora: Por que surgiu o interesse de se tornar professor de circo num projeto social?

Participante: É.... essa experiência me fez né, ver o circo com outros olhos, e quando surgiu a oportunidade de passar o que eu sabia né, pras crianças eu topei na hora, porque tipo assim, a ginástica me educou de certa forma, com a questão de ter postura, né, concentração, equilíbrio, e não só pro esporte, pra vida toda né. A gente ter uma concentração no que vai fazer, é, disciplina, responsabilidade com horários, com prazos, todas essas coisas. E eu quis passar isso pras crianças do projeto, não só ensinar elas as acrobacias mas também essas, essas, de forma secundária torna-las pessoas melhores na sociedade né, tendo concentração no trabalho, tendo disciplina nos estudos, por exemplo, então, o respeito, que na minha aula não é tipo, uma aula livre, então tem que seguir a regra, tem que fazer o que é pedido, que isso influencia muito depois futuramente. Então foi o que me levou a aceitar dar aula no projeto social.

Pesquisadora: Você trabalhou antes na escola privada e aí agora você tem essa experiência na questão social. O que de mais diferente você visualiza assim, dentro do público?

Participante: Eu acho que o que mais diferente que eu visualizo entre as crianças que são da escola privada e de escola pública é a determinação das crianças da escola pública. Porque eu acho que, pelo meio de vida e as oportunidades serem menores, eles se dedicam mais, tem menos medo e se jogam mesmo sabe?! Então, esse eu acho que é um diferencial de um projeto social.... Eu acho que mesmo crianças de escolas privadas deveriam ter essa experiência, de conviver com crianças que não tem às vezes o mesmo padrão de vida delas, né, então isso é muito importante, eu acho que, tipo assim, de certa forma elas correm mais atrás né, como as oportunidades são menores acaba que elas mesmos tem que criar as oportunidades delas.

Pesquisadora: Como é desenvolvida a metodologia com a qual você trabalha no Projeto? Você já fez curso de formação específica para o ambiente do circo social?

Participante: Então, a gente desenvolve a metodologia né, praticamente a mesma que eu tive né, de fazer primeiro a preparação corporal, que as crianças normalmente chegam “cruas” aqui, as vezes nunca praticou nenhuma atividade física. Então a gente faz uma preparação física com ela, pra ela fortalecer os músculos, pra ela fortalecer, ter o conhecimento do corpo né, a coordenação motora, pra depois a gente começar a ensinar o que ela é capaz de fazer né, com o corpo, desde virar uma cambalhota até

fazer um mortal com pirueta né, então a metodologia é a mesma praticada nos esportes. De cursos, eu fiz cursos específicos né, com workshops promovidos pelo Mundo do Circo, ou pelo próprio Circo da Vida, tanto como artista como como professor né, como por exemplo, curso de paradas de mão, curso de canastilha, curso de tecido, então tudo isso eu tive experiência de fazer. Agora um curso de educador, assim, eu não fiz. Mas é só workshops e práticas mesmo.

Pesquisadora: Qual os valores sociais que você identifica serem possíveis trabalhar com os alunos durante as aulas?

Participante: São muitos! A concentração, eu acho que é muito importante. Eu foco muito nisso com eles. Porque igual eu falei, como eles, às vezes eles nunca praticaram alguma atividade, eles chegam aqui achando que é algo que eu vou brincar, e durante os treinos isso vai mudando que ela passa a ver que ela tem que ter uma concentração maior até pra não se lesionar né, porque ela começa fazendo exercícios fáceis e depois vai dificultando, então a nível que vai dificultando a concentração tem que ser maior. Então, eu acho que concentração, disciplina dos treinos, determinação pra conseguir “Ah, eu não vou conseguir fazer de primeira, faço uma, duas vezes já desisto”, não, então isso é algo que nos treinos é trabalho né. Não é porque que você não conseguiu de primeira de segunda quer dizer que você nunca vai conseguir fazer. Então a determinação de tentar tentar até conseguir. Então eu acho que são valores muito importantes, além de, da convivência social né, que são várias famílias reunidas em num só lugar, em que cada criação diferente acaba trabalhando da mesma forma aqui dentro né, de ter respeito com o próximo, é, convivência social, e então eu acho que são valores importante ensinados durante as aulas.

Pesquisadora: Como você observa a relação aluno-professor e aluno-aluno dentro do projeto?

Participante: É, eu observo que é uma relação bastante produtiva né, tanto com o aluno-professor, que.... Professores mesmo, a gente entra aqui de uma certa forma e acaba aprendendo muito com essas crianças, porque são situações que às vezes a gente passa, que às vezes a gente nunca passou na vida. Então a gente vê as vezes acontecendo, um problema familiar, ou uma conquista que eles realizam, que a gente acaba fazendo parte disso né. A gente conversa quando surge algum problema, de certa forma acaba envolvendo professores, diretores, porque eles chegam, comentam com a gente e a gente tenta ajudar no que é possível né, dentro dos limites que é possível. E quanto aluno-aluno que é importante que eles saibam que as coisas não são é.... só o que é da vontade deles né, tipo assim “Ah, eu fui criado assim e tem que ser a minha vontade”. Aqui não, como é famílias de vários níveis né, social, ela acaba tendo que conviver e aprender a lidar com as diferenças né. Pessoas que tem mais condições, pessoas que tem menos, e acaba tendo, aprende a dividir, que pode ser dividido, acaba sabendo aceitar ajuda né, de outras crianças que tem mais condições. Eu acho q isso é importante, essa convivência entre professor e aluno, e aluno e aluno.

Pesquisadora: Já teve algum conflito entre aluno-aluno, aluno-professor?

Participante: Entre aluno-aluno constantemente né (risos).... Constantemente tem, mas mais por questões competitivas mesmo né, de determinar um tipo de exercício e um

conseguir e o outro não e falar “vamos, vamos” e ter esse conflito às vezes entre alunos. Agora entre aluno-professor, aqui pelo menos eu nunca vi né, nunca presenciei algum fato assim. Acho que, eu acho que por gostarem muito de fazerem a minha aula, por que por mais que tenha uma cama elástica né, tenha coisa, eles se empolgam em fazer a aula e até que não, nunca presenciei um conflito entre professor aluno não. Só questões de comportamento mesmo né, que às vezes o professor tem que falar mais rígido né, principalmente com crianças mais novatas, por que às vezes elas chegam, igual eu falei, no intuito de achar que é brincadeira e às vezes atrapalhar os que já estão a mais tempo. Mas com o tempo eles vão se adaptando e seguem o mesmo padrão.

Pesquisadora: Quando acontecem esses conflitos como que vocês intermediam isso? De aluno-aluno?

Participante: A gente tenta sempre dialogando com eles, e às vezes sentam as pessoas envolvidas no conflito, explicam né, escutam primeiro as versões deles, por que que aconteceu, e explica que não pode às vezes ser resolvido dessa forma, às vezes com agressões com palavras né, e a gente explica que não pode ser assim. Tenta explicar a forma como que deve ser feita, tipo “Oh, se foi algo que te desagradou, fala com o professor, não desconta diretamente no seu amigo. Fala primeiro com o seu professor que está acontecendo isso que a gente senta e resolve”, mas de vez em quando não dá, às vezes sai alguma briga ou outra.

Pesquisadora: Você acha que a sua formação como advogado e tendo esse contato com o Direito ajuda?

Participante: Sim, ajuda bastante. Principalmente na questão de intermediação né. Nos próprios conflitos entre eles e às vezes os próprios conflitos internos de cada um né. Porque às vezes, mesmo não tendo um conflito com o colega, às vezes a pessoa tem um conflito interno de não, de auto aceitação. Já teve caso de criança chegar com corte no braço, assim, fazer corte, mas questão da idade, às vezes também, mas a gente chegar, conversar e explicar, falar que ela tem um irmão mais novo, que ele espelha nela né, pra não fazer isso, porque que está fazendo isso, se já procurou algum tratamento. Então a minha formação ajuda bastante nisso.

Pesquisadora: Você consegue identificar mudanças de comportamento nos alunos no decorrer das aulas?

Participante: Sim, claramente! Igual eu falei, eles chegam muito ativos né, vindo como tudo e novo, uma forma tipo, novos amigos, brincadeiras. Porque tem o momento de descontração, tem o início da aula né, que eles sentam, almoçam juntos, então tem uma certa confraternização entre eles, aí é o início da aula, as brincadeiras cessam um pouco, faço o treinamento sério, e ao final da aula volta aquela descontração. Então.... A gente nota muito a mudança de comportamento da criança que chega às vezes com é.... com atitudes agressivas com outro colega, ou com, as vezes fazendo falta de educação, difícil lidar né, igual eu falei, com as diferenças né, com a divisão. As vezes

são filhos únicos, que as vezes não tem aquela convivência com irmãos, e isso aqui durante a convivência muda bastante. A questão das aulas né, a concentração, tudo faz com que eles se adaptem ao meio social que eles estão vivendo né, então isso a gente nota claramente, essa mudança.

Pesquisadora: Eles criam muitos laços de amizades?

Participante: Sim... são criados laços. Eles, igual eu to falando, às vezes chegam e ao passar do tempo a gente vê que depois eles postam fotos né, juntos, que saíram juntos, fazem atividades extras circo juntos né. Tanto que, apesar de que muitos deles convidam é... os amigos pra vir, então alguns que entram já conhecem os alunos né. Então tem muito isso, estudam juntos, chamam pra virem fazer as aulas, mas aí aumentam o ciclo de amizade entre eles né. A gente vê isso muito aqui.

Pesquisadora: E isso faz diferença, você acha assim, na vida deles? Esse ciclo?

Participante: Ah, com certeza!!! Acho que a formação dessa amizade, muitos aqui acho que mesmo após inteirar a idade do projeto né, que são dezessete anos, isso faz com que a amizade prevaleça. Aconteceu recentemente isso que a gente viu, que dois alunos que completaram dezessete anos né tiveram que se desligar, mas a amizade que eles tinham os dois, eles levam hoje pra vida pessoal deles né, eles até arrumaram trabalho juntos no mesmo lugar né, fazendo estágio. Então, vê que, montaram um número juntos pra apresentarem em escolas, apresentações. Até a forma deles ganharem dinheiro né, com as apresentações deles juntos. Então laco que o laço feito aqui é muito importante pra eles.

Pesquisadora: Qual a relação dos pais ou responsáveis com o projeto?

Participante: Acho que tem uma relação projeto e pais meio que de complementar né. Muito por questões de horários que os pais trabalham, em um turno a criança está na escola e no outro a criança não estaria com nenhuma atividade produtiva né, as vezes estaria em casa com celulares, computadores, tvs, e aqui tendo uma prática, né, uma atividade, acho que é importante. E muito dos pais dá o feedback pra gente falando sobre a mudança de comportamento, o respeito que mudou né, a forma de... está mais ativo, que as vezes ajuda nas atividades que não ajudava em casa né, nas atividades domésticas mesmo, que agora muitos... porque aqui, acaba que como o espaço é deles mesmos muita coisa são eles mesmo que cuidam né, igual limpar os aparelhos, ajudar a servir o lanche. Então, cada dia tem um rodízio que um vai ajudando, e acaba que isso reflete em casa né. Que são mais ativos, que ajudam mais, conversam mais com os pais, e não ficam só trancados quarto, vendo celular, vídeo... essas coisas.... Os pais têm dado esse retorno pra gente. A gente queria que fosse maior a participação dos pais aqui dentro né, mas por questões de horário, tempo fica um pouco complicado, mas muitos pais participam das atividades né, aqui. Vem, participa quando tem festa, ajuda amontar as apreset... não montar as apresentações, mas ajuda, é... a coordenar as crianças mesmo, quando tem eventos, apresentações. Muitos pais ajudam, os que tem condições né, mas a gente queria que fosse uma participação maior.

Pesquisadora: Já teve algum problema com algum pai, alguma coisa pontuada que aconteceu de importante...

Participante: Não assim.... Não em relação a circo é.... E pai né.... Acho que não tenho conhecimento se teve alguma coisa. Mas, mas questões familiares mesmo de, de pais separados, às vezes e a criança chegar abalada aqui, às vezes chorando, ou, a criança presenciar alguma agressão física entre pai e mãe sabe.

Pesquisadora: Dentro do próprio ciclo familiar?

Participante: É.... dentro do próprio ciclo familiar.... Agora circo e família não. Acho que, acho que até assim, uma forma, é um momento que a criança fica tão feliz de estar aqui que quando volta pra casa ela se sente até realizada sabe. Que eu tenho conhecimento nunca teve.

Pesquisadora: Discorra sobre a importância do projeto na sua vida e na vida das pessoas que são envolvidas nele. Os professores, as crianças, as famílias.

Participante: Olha, esse projeto pra minha vida tem uma importância muito grande sabe.... É uma forma de eu ensinar a essas crianças algo bom que eu vivi né. Então eu procuro ensiná-los ao máximo a serem pessoas melhores né, e até a serem artistas mesmo, a terem uma formação de artistas né, que saiam daqui sabendo se apresentar, venderem o que aprendeu aqui né. Então vendo crianças hoje apresentando por exemplo no circo me traz uma alegria muito grande pra mim, de saber que essas crianças entraram pequenas e que agora estão crescendo e já estão seguindo o próprio caminho né. E esse projeto mostra o tipo de educação que eu quero dar para os meus filhos. Que eu quero que meus filhos sejam educados dessa forma, que tenham uma convivência social, que conheçam a realidade não só da nossa família, mas como de uma sociedade. O que pode mudar, o que pode ser feito. Então pra mim é muito importante estar passando por essa experiência.

Pesquisadora: E para as pessoas que são envolvidas?

Participante: Ah sim.... E eu acho que para as pessoas envolvidas também é.... é de grande valia né, pelo menos de todas as pessoas que convivem aqui falam né da importância que esse projeto tem pra eles né.... Logico que, são atividades cansativas, que é muitas horas, tipo né, são atividades de oito da manhã até as quatro e meia da tarde, então várias atividades com dois turnos, e.... é cansativo, mas é algo muito prazeroso, principalmente quando a gente monta as apresentações, monta os espetáculos, que ensaiam horas de treino e depois você vê aquilo acontecendo, é algo muito gratificante sabe. Eu acho que pra todos os envolvidos, tanto os pais, quanto professores, coordenadores, crianças acho que é muito importante e acho que é um projeto que não pode acabar. Acho que ele inteirou dez anos agora que permaneça por mais dez anos.

Pesquisadora: Quando eles apresentam como que é a resposta deles assim? Como que eles se sentem?

Participante: Eu acho que eles se sentem muito realizados mesmo... assim, exalando né, felicidade por ter conseguido, lógico que a gente vê algumas frustrações por ter ensaiado tanto e às vezes na hora não ter conseguido fazer, mas de modo geral é muito positivo né, porque eles ensaiam muito e na hora acontece. Então ver acontecer, a gente treinar; música aqui, para, repete né, não tem figurino, não tem maquiagem, não tem iluminação. E na hora que junta tudo isso, que eles apresentam, que tem o cenário, que tem uma iluminação né, que tem a energia do público aplaudindo eles, eles se sentem muito realizado.

Pesquisadora: Gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi contemplada na entrevista?

Participante: Não, eu acho que foi uma entrevista muito interessante e acho que de grande importância para levar o conhecimento de outras né pessoas o que é feito aqui. Acho que é um trabalho que deveria ser amplamente divulgado, e às vezes não é tanto como deveria né. Ter em outros pontos da cidade, não só aqui, porque aqui é um espaço limitado ao número né de crianças, mas eu acho que pela atividade desenvolvida aqui é um projeto que deveria se espalhar pela cidade sabe.... Porque eu acho que o que as crianças aprendem aqui com certeza no futuro a gente teria uma sociedade melhor. Acho que é isso.